

Sobrevivendo no Inferno

experimentos com montagem urbana
na cidade de Macel6-AL





UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

LEANDRO FERREIRA MARQUES

SOBREVIVENDO NO INFERNO:
EXPERIMENTOS COM MONTAGEM URBANA NA CIDADE DE MACEIÓ-AL

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Maceió, Alagoas
Outubro de 2022



LEANDRO FERREIRA MARQUES

**SOBREVIVENDO NO INFERNO:
EXPERIMENTOS COM MONTAGEM URBANA NA CIDADE DE MACEIÓ-AL**

Trabalho Final de Graduação (TFG)
apresentado à Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo, no campus A.C Simões, da
Universidade Federal de Alagoas.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Flavia de Sousa Araújo

Maceió, Alagoas
Outubro de 2022





Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M357s Marques, Leandro Ferreira.
Sobrevivendo no inferno : experimentos com montagem urbana na cidade de
Maceió-AL / Leandro Ferreira Marques. - 2022.
68 f. : il. color.

Orientadora: Flávia de Sousa Araújo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió,
2022.

Bibliografia: f. 62-68.

1. Planejamento urbano. 2. Violência urbana - Maceió (AL). 3. Racismo. I. Título

CDU: 711.4:323.14(813.5)



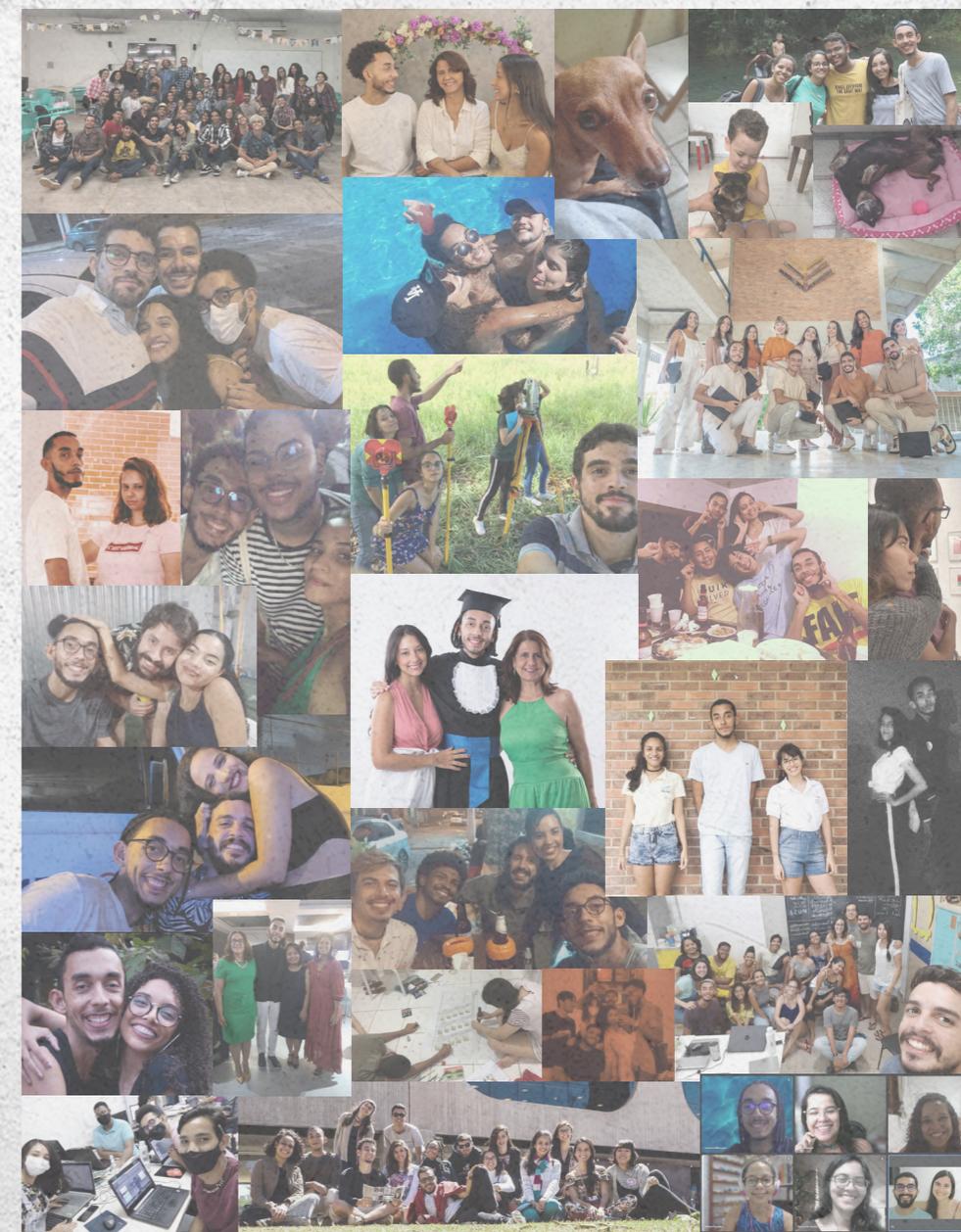
Salve

Agradecimentos

Escrevo com um sorriso e lágrimas em meu rosto ao lembrar de todas e todos que de alguma forma me auxiliaram a estar aqui. Escrevo como o primeiro dos homens de minha família a me formar em uma universidade pública, federal e gratuita. A possibilidade que eu tive em acessar uma educação de qualidade foi graças a diversos esforços das pessoas que me criaram, em especial, das mulheres em minha vida. Agradeço à minha mãe, Célia, e ao meu pai, José Ailton, pelos incontáveis sacrifícios que nem consigo mensurar e por sempre estarem presentes. Às minhas avós, Gerusa e Vera Lúcia (em memória), e minha Tia Denise, por todos os cafés, almoços, jantares, banhos e cuidados enquanto meus pais trabalhavam. Ao meu avô, José Marques (em memória), por todas as caminhadas à escola. À minha irmã, Lays, por sempre ser meu exemplo de dedicação nas pequenas e grandes coisas. E aos meus demais familiares, em vocês sempre encontro minha força.

À Prof.^a Juliana Michaello, por abraçar o meu tema como minha primeira orientadora neste TFG, pelos compartilhamentos e desafios instigantes e acolhedores; e à Prof.^a Flavia Araújo, por assumir a minha orientação neste trabalho por conta de questões de saúde da Prof.^a Juliana Michaello e igualmente me abraçar. À minha banca de avaliadoras internas, Prof.^a Diana Helene e Prof.^a Roseline Oliveira, pelas trocas e diálogos e ao avaliador externo, Prof.^o João Pena, por aceitar participar de meu trabalho. Às professoras Janayna Ávila e Caroline Gonçalves, pelos aprendizados no PIBIC. Às professoras Gianna Barbirato e Lúcia Hidaka, por marcarem minha vivência na universidade e no PET Arquitetura, sobretudo, como educadoras.

Ao PET Arquitetura e aos petianos/as Hedhy, Alê, Malu, Maya, Jessica, Day, Dandara, Rodrigo, Laís, Adrielly, Rudá, Vanessa, Euclides, Julia, Ítalo, Alexia, Mirella, Mariana, Nayara, Duda, Anne, Lau, Everton, Lucas, Kayo e Adna, por todas as vivências, compartilhamentos e acolhimentos para além da faculdade. Aos meus amigos/as de turma Mariana, Liriz, Vanessa, Gabi, Jamile, Laís, Sander e Klyfesson, por todos os papos, noites de projeto, brigas com professores, trocas, e em especial aos meus constantes grupos de projetos, Amanda, Mariane e Felipe, por serem apoio nas dúvidas, nos choros e nas inseguranças. Às minhas amigas, Mayara e Tayná, e ao meu amigo, Glauber, por nas simplicidades da amizade me mostrarem o valor do afeto e da escuta e também pelas trocas na escrita deste trabalho. Ao escritório VÃO Urbano, por me mostrarem que outras práticas de arquitetura e urbanismo através do coletivo são possíveis. E, por fim, agradeço a todos e todas que abriram e abrem espaço para que pensamentos e pessoas como eu estejam na universidade. Eu sou o que sou graças a tudo que nós somos. Obrigado a vocês por tudo e muito mais.



Resumo

Como podemos falar sobre o direito à cidade se antes nem o direito à vida à população negra é garantido? Este trabalho entende que vivemos numa sociedade onde diversas formas de opressão, como o racismo estrutural, desigualdades de gênero e classe, são utilizadas para assegurar a hegemonia branca advinda da colonialidade. Assim, as cidades são marcadas por uma forte dicotomia social, na qual a violência letal urbana surge como um projeto de controle e vigilância da população negra. Através do estudo de caso de Maceió, Alagoas, mapeamos os Crimes Violentos Letais Intencionais entre 2012 e 2021 junto a dados de raça, gênero, renda, educação e densidade demográfica. Descobrimos que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais nos bairros negros e que a cada 18 horas morre uma pessoa negra na capital alagoana, sendo jovens-homens-negros os mais afetados. Assim, se constrói uma narrativa de medo e insegurança ao redor dos bairros negros, principalmente pelas ações policiais e a constante divulgação de imagens de morte pela mídia, afetando diretamente na produção urbana e arquitetônica desses territórios e reforçando que esses lugares se resumem a violência. Em contrapartida, compreendemos que essa não é a história única da população negra e precisamos disputar o campo do simbólico como enfrentamento, como nos mostra o conceito de Afrofuturismo. Então, pelo método de montagem urbana e reflexões da filosofia africana, desenvolvemos fotocollagens com fragmentos de atos cotidianos de Maceió e da população negra. Concluímos que as imagens sobre a cidade não são estáticas, dependem de quem as vivencia. O importante é possibilitar outras interpretações dos bairros negros que não as de violência. Uma forma de combate e antirracismo do campo da arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: planejamento urbano; violência letal urbana; racismo.

Abstract

How can we talk about the right to the city if not even the right to life for the black population is guaranteed before? This work understands that we live in a society where various forms of oppression, such as structural racism, gender and class inequalities, are used to ensure white hegemony arising from coloniality. Therefore, cities are marked by a strong social dichotomy, in which urban lethal violence emerges as a project of control and surveillance of the black population. Through the case study of Maceió, Alagoas, we mapped the Intentional Lethal Violent Crimes between 2012 and 2021 along with data on race, gender, income, education and population density. We found out that there is a racial territorialization of intentional lethal violent deaths in black neighborhoods and that every 18 hours a black person dies in the capital of Alagoas, with young black men being the most affected. Thus, a narrative of fear and insecurity is built around black neighborhoods, mainly due to police actions and the constant dissemination of images of death by the media, directly affecting the urban and architectural production of these territories and reinforcing that these places boil down to violence. On the other hand, we understand that this is not the unique history of the black population and we need to dispute the field of the symbolic as a confrontation, as the concept of Afrofuturism shows us. Then, through the method of urban montage and reflections of African philosophy, we developed photocollages with fragments of everyday acts of Maceió and the black population. We conclude that the images about the city are not static, they depend on who experiences them. The important thing is to make possible other interpretations of black neighborhoods other than those of violence. A form of combat and anti-racism in the field of architecture and urbanism.

Keywords: urban planning; lethal urban violence; racism.

LISTA DE COLAGENS

Colagem 01 - Quilombo, série Me Curar em Mim

Colagem 02 - Anastácia, série Me Curar em Mim

Colagem 03 - Dona Maria, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros

Colagem 04 - Levitar, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros

Colagem 05 - Colagem de notícias sobre os bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho advindas da plataforma de pesquisa Google

Colagem 06 - Aquele Homem, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros

Colagem 07 - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós - Vergel do Lago

Colagem 08 - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós - Benedito Bentes

Colagem 09 - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós - Jacintinho

Colagem 10 - King, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros

Colagem 11 - Zumbi, série Me Curar em Mim

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Esquema de localização do recorte de estudo.

Figura 02 - Sobreposição de mapas de CVLI, raça, renda, densidade demográfica, presença de mulheres chefes de família e alfabetização.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - % de CVLI de acordo com cor/raça em Maceió-AL entre 2012 e 2021

Gráfico 02 - % de CVLI de acordo com idade em Maceió-AL entre 2012 e 2021

Gráfico 03 - % de CVLI de acordo com gênero em Maceió-AL entre 2012 e 2021

Gráfico 04 - % de Instrumento utilizado para o CVLI em Maceió-AL em 2021

Gráfico 05 - % do Local em que ocorreu o CVLI em Maceió-AL em 2021

Gráfico 06 - Brasil: Número e Taxa de Homicídios (2009 a 2019)

Gráfico 07 - Brasil: Taxa de Homicídios e de MVCII (2014 a 2019)

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Abairramento da área urbana de Maceió, Alagoas

Mapa 02 - % de pessoas Pretas e Pardas em Maceió-AL

Mapa 03 - Rendimento familiar médio mensal (em salários mínimos) em Maceió-AL

Mapa 04 - Quantidade de CVLI por bairro em Maceió-AL entre 2012 e 2021

Mapa 05 - Densidade Demográfica (hab/km²) de Maceió-AL

Mapa 06 - % de mulheres responsáveis por domicílio em Maceió-AL

Mapa 07 - % de pessoas responsáveis por domicílio alfabetizadas em Maceió-AL

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Ranking dos 10 bairros de Maceió-AL com maior número de CVLI entre 2012 e 2021.

Lado A

10	_____	Gênesis	01
		Introdução	
13	_____	Qual Mentira [Não] Vou Acreditar?	02
		Considerações Iniciais	
		... sobre o fardo de ser um intelectual negro	
		... sobre Academia, conhecimento e descolonização	
		... sobre os Procedimentos Metrológicos	
24	_____	Diário de Um Detento	03
		Relações Raciais e Espaço Urbano	
29	_____	Capítulo 4, Versículo 3	04
		Violência Letal Urbana em Maceió-AL	
		... a perspectiva das estatísticas	
		... para além das estatísticas	

Sumário

Lado B

05	Mágico de Oz	_____	45
	Os Céus no Inferno		
	... Montagem Urbana		
	... <i>Ubuntu</i> , as cidades são várias e também nós		
06	Fórmula Mágica da Paz	_____	59
	Considerações para outros Inícios		
07	Jorge da Capadócia	_____	61
	Referências Bibliográficas		

Colagem 01

Quilombo, série Me Curar em Mim.

Fonte: Autor, 2020.



Gênesis Introdução

*Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor
O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta
Eu?! Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola
automática e um sentimento de revolta
Eu tô tentando sobreviver no inferno*

“Gênesis”, Racionais MC’s¹

¹ Música “Gênesis” do álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997).

Quando eu realmente escutei o álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s², aos meus 22 anos de idade, parei para pensar na mensagem e significado dessas letras e de como elas conversam comigo. Falo de uma realidade mais privilegiada do que a de outras pessoas na qual tive acesso a uma boa estrutura familiar, a boas escolas, a comida, a roupa, a moradia, ao lazer, mas apesar de tudo isso eu sempre me sentia diferente e que precisava me esforçar mais do que os outros para conseguir ser reconhecido, visto, ao menos considerado e escutado. Essa sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento me acompanhou desde pequeno. Só quando entrei na Universidade, local no qual me reconheci como pessoa negra, que me dei conta dos motivos: eu não sou diferente, tornam-me diferente.

Compreender que o racismo antinegro³ afeta nossa condição como indivíduo negro na sociedade foi doloroso, mas ao mesmo tempo uma forma de resistência e de autoconhecimento. Ao ler Grada Kilomba⁴ (2019) e entender que o racismo tem como característica marcante a construção da diferença ligada à formação de valores hierárquicos de naturalização da

² Racionais MC’s é um grupo brasileiro de rap formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, considerados o maior grupo de rap do Brasil, foi fundado em 1988 com a preocupação de denunciar a opressão que o racismo e o capitalismo causavam através da miséria, violência e o crime na população negra.



³ A fim de enfatizar e não silenciar os demais grupos que sofrem com racismo, o teórico Henrique Cunha, estudioso das áreas de Bairros Negros, Territórios negros, História e Urbanismo Africano, utiliza do acréscimo do termo antinegro para direcionar um dos afetamentos do racismo e, assim, falar com mais propriedade acerca dos problemas específicos que a população negra sofre (BAIROS, 2021; RELAÇÕES, 2021).

⁴ Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica nascida em Lisboa (com raízes em São Tomé e Príncipe e Angola), onde estudou psicologia e psicanálise. Doutora em filosofia na Freie Universität, Grada ficou bastante conhecida pelo seu trabalho “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano” (2019) obra no qual discute sobre os danos psíquicos causados pelo racismo, sendo o livro traduzido e publicado em várias línguas internacionalmente.



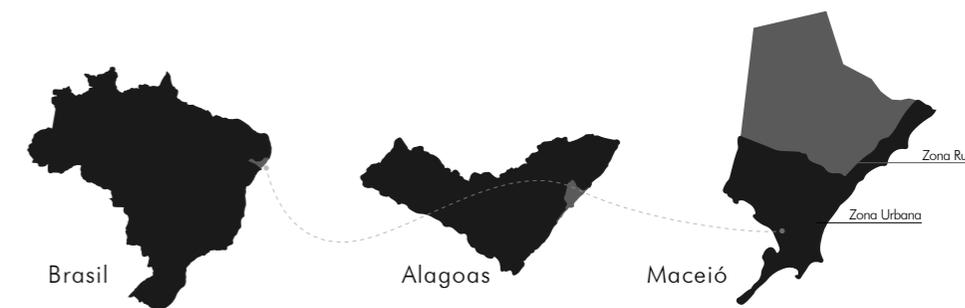
desonra e inferiorização de pessoas não brancas, somados as estruturas de poder histórico, social, econômico e político; cheguei a conclusão de que eu também estou tentando sobreviver no inferno. “Quem pode ver seus interesses políticos representados nas agendas nacionais? Quem pode ver suas realidades retratadas na mídia? Quem pode ver sua história em programas educacionais? Quem possui o quê? Quem vive onde? Quem é protegida/o e quem não é?” (KILOMBA, 2019, p. 76).

É dentro desse sentimento de revolta da música Gênesis que então se originam os estudos e discussões aqui apresentados. Uma das principais motivações deste trabalho é a busca e construção de meios de enfrentamentos das violências sofridas pelos corpos negros dentro do espaço público urbano, tomando como caso a cidade de Maceió, capital de Alagoas (Figura 01). O estudo da violência se dará, mais especificamente, através da violência letal urbana, isso é, dá-se a partir da análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais, categoria feita pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP) para agregar homicídios doloso, aqueles que uma pessoa tem a intenção de matar outra (BRASIL, 2021).

Figura 01

Esquema de localização do recorte de estudo.

Fonte: Autor, 2022.



Durante minha trajetória na graduação de Arquitetura e Urbanismo, muitos dos meus estudos foram direcionados ao que seria o Direito à Cidade - ao qual entendo, pela minha formação, como a garantia de moradia digna, o fácil acesso à serviços de lazer, educação, saúde, segurança, além do pertencimento e identidade com o lugar em que se vive. Porém, como

podemos falar sobre Direito à Cidade se antes nem o Direito à Vida às populações negras é garantido? Tratar sobre a violência letal urbana como a temática central não poderia ser diferente, porque também fala sobre mim e das violações que sofri, sofro e sofrerei.

Através das discussões aqui apresentadas também gostaríamos de explicitar que ainda pouco se discute de forma ampla sobre as premissas do fazer e estudar a cidade relacionada à questão racial. No país da falsa democracia racial⁵, e “[...] em um mundo em que a raça define a vida e a morte [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 57) não basta reconhecer que o campo da Arquitetura e Urbanismo, enquanto mais uma instituição e local de prática, dialoga, absorve, reproduz e perpetua problemáticas estruturais da sociedade brasileira. Também é preciso tomar partido das ferramentas desse campo do conhecimento (no meio profissional e acadêmico) para criar e pensar meios de combate ao racismo.

Acreditamos que a Arquitetura é um campo que permite a concretização da imaginação e idealização de lugares. Como tal, pode e deve ter a responsabilidade de pensar e experimentar possibilidades outras de existência do ser negro no espaço urbano, de projetar utopias conscientes, tanto do amanhã, como do presente, nas quais o viver não seja apenas sobreviver. Com isso, gostaria de dar início ao trabalho que me dará o título de Arquiteto e Urbanista, desejando que ele me sirva como um lembrete, uma carta ao meu futuro e atual eu do que significa a escolha dessa profissão e, quem sabe, também sirva de estímulo para mais algum/a jovem negro/a que queira percorrer este caminho.

⁵ Em pesquisa publicada em abril de 2021, o Instituto Locomotiva destaca que 84% das pessoas percebem o racismo, mas apenas 4% se consideram preconceituosas (2021).

Precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo[, o povo negro,] precisa deles mais do que a maioria. Sem uma imagem do amanhã, fica-se preso pela cega história, economia e política que estão além do nosso controle. Um está amarrado em uma teia, em uma rede, sem como se libertar. Somente com imagens claras e vitais das muitas alternativas, boas e ruins, de onde se pode ir, teremos qualquer controle sobre a maneira como podemos realmente chegar lá: em uma realidade do amanhã tudo chegará mais rápido. (DELANY, p. 35, 1984, tradução nossa)⁶



⁶ Trecho do texto “A necessidade de amanhãs” de Samuel R. Delany (1984, p. 35, tradução nossa). [Samuel R. Delany](#) é apenas um escritor, como diz o próprio. Afro-americano nascido em 1942, em Nova Iorque, Delany é um dos mais aclamados autores de ficção científica, especulativa e literatura gay. Tem diversos livros publicados, com destaque para “Hogg” (1994), “Dhalgren” (1974) e “Babel-17” (1966). Em 2002 passou a integrar o Hall da Fama da Ficção Científica e em 2013 foi laureado como Grande Mestre pela *Science Fiction and Fantasy Writers of America*, tornando-se o primeiro escritor de ficção científica negro com as mais altas honorarias do gênero.



Colagem 02

Anastácia, série Me Curar em Mim.

Fonte: Autor, 2020.



Qual Mentira [Não] Vou Acreditar? Considerações Iniciais

*Quem é preto como eu já tá ligado qual é
Nota Fiscal, RG, polícia no pé
(‘Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço
Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança’)
Falou, falou, deixa pra lá
Vou escolher em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então... deixa rolar
Em qual mentira vou acreditar?
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?*

“Qual Mentira Vou Acreditar”, Racionais MC’s

7

7 Trecho da música “Qual Mentira Vou Acreditar” do álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997).

... sobre o fardo de ser um intelectual negro

Aqui escrevemos sobre a dor e como pesquisador negro tenho a tarefa e o peso de não esquecer que antes somos pessoas, que somos afetados por todos os marcadores sociais que nos perpassam, que a sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento nos perseguem, nos fazem ter muitas cobranças, inclusive com a qualidade e relevância deste trabalho para conosco e para a comunidade que representamos. Sempre temos que ser os melhores, mais educados, bem vestidos, sempre limpos, saber o que responder, andar com um sorriso no rosto, sermos gentis, não podemos cometer um erro sequer. Essa é a tarefa e exercício diário para tentar escapar em alguma medida do racismo antinegro que nos faz viver numa constante tensão, nos demanda ser ideais, perfeitos, tudo isso para corresponder a uma expectativa vinda de fora.

Segundo Harold Cruse⁸, em seu livro “A Crise do Negro Intelectual” (1967), no qual descreve problemáticas sociais de intelectuais da negritude estaduniense/norte-americana, mas que podem ser trazidas para uma realidade brasileira, as

[...] peculiaridades da estrutura social [...] e a posição da classe intelectual dentro dela tornam especial o papel funcional do intelectual negro. O intelectual negro deve lidar intimamente com a estrutura do poder branco e o aparato cultural, e as realidades internas do mundo negro ao mesmo tempo. (1967, p. 451, tradução nossa, grifo nosso, tradução nossa).

⁸ Harold Cruse era um acadêmico estaduniense/norte-americano, conhecido pelas suas críticas sociais e estudos afro-americanos na Universidade de Michigan na segunda metade do século XX. Ficou conhecido pela sua obra “A Crise do Negro Intelectual” (1967), no qual tratava da relação entre a sociedade e a população negra estaduniense/norte-americana.



É nesse sentido que tentamos ampliar o pensamento de Cruse. O pesquisador que toma o posicionamento político de se colocar como pessoa negra carrega um fardo: de sempre estar a par das discussões sobre racismo, de ter lido toda a coleção de livros do “Feminismos Plurais” (série de livros acerca de racismo, negritude, lugar de fala, empoderamento e temáticas similares), de saber sobre todos os conceitos (do “colorismo” ao “empoderamento”) e teóricos da área. O erro não é permitido, as lacunas tem que ser preenchidas, uma infinita autocobrança de levar e ter ciência do conjunto de problemas que tratar deste assunto traz.

Ao abordar a complexidade da temática de raça muitas pontas ainda ficarão em aberto nesse estudo, não se esgotam ou não são tratadas com tanto afinco como deveriam. Paralelamente, devemos nos lembrar que isto é apenas um Trabalho Final de Graduação - TFG, que, idealmente, deveria ser feito no período de apenas 01 (um) semestre, 06 (seis) meses, entretanto, já venho desde dezembro de 2020 trabalhando nele. Ocasionalmente somos cobrados por nós mesmos /ou por professores/as, principalmente brancos/as, de ter mais propriedade para falar da temática, para abordar e nos apropriar da leitura de autores e autoras que tratam do assunto. Apenas a busca e estudo de referenciais foi incessante e em épocas me questionei se colegas de turma brancos/as, que também estão se formando e entregando seus TFGs (que não tratam de temáticas raciais), tiveram essa cobrança. Com certeza não tiveram.

Apenas na entrega parcial deste trabalho já tinham sido feitas diversas leituras (livros, artigos, dados de pesquisa, TFGs, teses, dissertações, notícias, músicas), visualização de vídeos, pinturas, fotografias, exposições e realização de cursos (como pode ser visto na lista de referências bibliográficas ao final deste trabalho), que me perguntava se isso não se equivalia a um mestrado. Mesmo assim as indicações de referenciais não paravam e por vezes elas nem conversavam tanto com o que aqui lidamos, mas por tratar de raça sempre me era indicado, como se a temática se resumisse a alguns problemas, no fim das contas, falar sobre raça tem diversas peculiaridades e nuances. O grande fardo de ser um intelectual negro, de sempre ser cobrado, o que inclusive

se tornou um dos motivos de também demorar para entregar este trabalho (quase dois anos), me esgotando intelectual e fisicamente em meio a uma pandemia. Enquanto o que eu desejava era apenas me formar para ingressar no mercado de trabalho, entregando, obviamente, um trabalho de qualidade, mas que não via essa mesma cobrança, tanto minha como do corpo docente, em estudantes brancos/as. Esse é um paradoxo que nos exige ser exemplar e produzir o melhor que podemos - afinal, é o papel da universidade -, mas que nos coloca na posição, mais uma vez, de pessoas negras que devem seguir regras, ser subservientes, e se esforçar muito mais que os demais.

O processo de TFG em si já é penoso, com a mudança do perfil dos/as alunos/as a partir das políticas de cotas ele se torna mais ainda, afinal, nem sempre o/a estudante negro/a ou indígena consegue se dedicar tanto a um trabalho por questões econômicas e pessoais, sendo a formação ao longo do curso cansativa, perpassada por jornadas de trabalho/estudos triplas, e quando se adiciona querer falar sobre raça tudo fica ainda mais difícil. Parece que a própria construção da Academia e do fazer conhecimento se inclina para dificultar este processo do alunado não branco em tratar de temáticas de opressão. Além disso, importa destacar que durante a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/UFAL eu não tive contato dentro dos conteúdos programáticos das disciplinas com temáticas que tratassem de raça e se tive foi incipiente. Sempre percebemos que a maioria da literatura do curso se concentrava em homens brancos europeus ou norte-americanos (que, na maioria dos casos, já morreram). Também sempre nos incomodou que o corpo docente fosse composto em sua maioria absoluta por pessoas brancas. Foi nesse processo, no qual ingressei na universidade em julho de 2016, época em que a política de cotas vinha se firmando e mais pessoas negras e indígenas vinham entrando nos espaços do ensino superior que discutia com colegas de turma e professoras mais abertos à críticas sobre essas percepções e incômodos de como questões raciais, de gênero e classe não eram profundamente tratados dentro da grade curricular do nosso curso e de forma articulada.

Esse compartilhamento entre discentes não brancos foi de extrema importância para nos darmos conta que o ensino que nos estava posto não condizia ou conversava com a realidade brasileira, nordestina, maceioense e, de alguns, periférica em que estávamos inseridos/as. Qual o motivo de projetar diversas casas de luxo? Dentro delas projetar quartos de empregada? Qual o motivo de aprender o nome de todas as construções romanas e saber diferenciá-las? Qual o motivo de fazer milhares de seminários para aprender unicamente pontos de vista de homens brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses? Qual o motivo dos arquitetos e urbanistas estudados como repertório se resumirem a figura de homens brancos do sul e sudeste do Brasil ou, mais uma vez, a homens brancos europeus e/ou norte-americanos/estadunidenses, enquanto não se vê quase nenhum negro, poucas mulheres, quiçá uma mulher negra, muito menos pessoas indígenas?

Eles não paravam por aí, me lembro que os questionamentos eram diversos e sempre partiam do lugar de fala de nós, estudantes não brancos/as. Dentro dessas indagações que fomos indo em busca de nossas ferramentas, já diria Audre Lorde⁹:

[...] a fim de definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão desmantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. [...]. Num mundo de possibilidade para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a montar a base para ação política. [...] (MULHERES, 1979, online).



⁹ Audrey Geraldine Lorde, lésbica, negra, feminista, guerreira, poeta, mãe, norte-americana/estadunidense e de descendência caribenha, foi uma importante escritora feminista e ativista dos direitos civis, do movimento negro e da causa LGBT+ durante o século XX.

[Estudos como o Trabalho Final de Graduação](#) das estudantes do mesmo curso de Arquitetura e Urbanismo que o meu e também grandes amigas minhas: “Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL” de Mayara de Paula¹⁰ (2019) e “Quando as ancestrais narram a expansão da cidade: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió/AL sob uma perspectiva genderizada e racializada” de Amanda Magalhães¹¹ (2022), foram alguns dos primeiros trabalhos a tratar de temáticas raciais e de gênero (interseccional) em seu escopo no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Da mesma forma inaugural nessas temáticas, os projetos de pesquisa de iniciação científica “Maceió pelas Mulheres: desigualdades de gênero, construção e ocupação feminina dos espaços públicos na capital alagoana no século XXI” (2019-2020) e sua continuação “Maceió pelas Mulheres: Representatividades femininas na produção e ocupação dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI” (2020-2021), ambos feitos sob organização da Prof.^a Flávia Araújo. Assim como a “Roda de Conversa: Racismo Acadêmico” (2019), organizada pelo antigo [Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL - Vale](#), do qual eu fazia parte, e pela [ANU \(Associação de Negros da UFAL\)](#), realizada logo após um [episódio de racismo ocorrido na disciplina de “Formação do Pensamento Científico”](#), da qual eu também fazia parte e presenciei o crime.

¹⁰ Mayara de Paula é arquiteta e urbanista paulista formada pela Universidade Federal de Alagoas, atual mestranda em urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e também uma grande amiga minha que tive o prazer de conhecer e compartilhar momentos. Ela tem pesquisas com foco na análise urbana das mulheres negras na cidade.



¹¹ Amanda Magalhães é arquiteta e urbanista alagoana formada pela Universidade Federal de Alagoas e também outra grande amiga. Ela tem estudos concentrados nas áreas de gênero, raça e urbanismo.



Enfim, reforço que dentro da FAU/UFAL essa busca por nossas ferramentas, parafraseando Audre Lorde (1979), é recente, moldou nossa formação (fora da sala de aula) e deu-se por meio da mobilização e demanda estudantil, principalmente, e de algumas professoras que compartilhavam da ideia e esses foram apenas alguns dos exemplos das articulações feitas fora dos espaços da sala de aula. Ressalto aqui, então, que este TFG surge a partir dessas diversas pessoas incríveis que me inspiraram, nossa forma de pensar, então, não é produto da universidade, fomos formados pelo movimento negro sem nem perceber, a universidade apenas nos deu as ferramentas, já diria a filósofa Sueli Carneiro¹², no *podcast* “Mano a Mano” (2022), articulando seus pensamentos à Audre Lorde (1979). A partir do entendimento dessas ferramentas é que podemos dismantlar a casa do mestre, na busca de nossas próprias. Dito de forma mais simples, tal qual Caliban¹³: “Ensinaste-me a falar e a minha vantagem foi que aprendi a (lhe) amaldiçoar.” (SHAKESPEARE, 2016, *online*).

É nesse sentido de construção do conhecimento de forma coletiva



¹² Aparecida Sueli Carneiro é uma escritora, filósofa e ativista do movimento negro brasileiro. Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, é considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil.

¹³ Caliban é um personagem da peça “A tempestade” (1610) de Shakespeare, descrito na peça como **escravo** (escravizado) habitante do **novo mundo**, filho de uma **bruxa** africana, e de traços corporais monstruosos. A imagem caricata da pessoa negra servente e submissa, construída pela ótica colonial. Na trama Caliban não tem a permissão de falar/não sabe se expressar na língua dos colonizadores, até que aprende e diz a frase “Ensinaste-me a falar e a minha vantagem foi que aprendi a (lhe) amaldiçoar.” (SHAKESPEARE, 2016, *online*) em forma de resistência.

pelo movimento estudantil negro que, assim como Renato Nogueira¹⁴ coloca, neste trabalho:

[...] [algo que] merece alguma atenção é o uso do “nós” ao invés do “eu”. Alguma leitora, algum leitor poderia perguntar: “por que escrever na primeira pessoa do plural?”. Eu mantenho o desejo de escrever na primeira pessoa do plural ou melhor, nós mantemos – porque estou acompanhado de ideias e pensamentos que me foram presenteados por autoras e autores diversos, [por amigos, por familiares, colegas e professoras de pesquisa que compartilham desse fazer conhecimento]. (2019, p. 128)

No processo de pelo menos reconhecer estas colocações e nossa posição como iniciante nas “realidades internas do mundo negro”, tal qual colocaria Cruise (1967), que este trabalho se desenvolve, por vezes engatinha e desse modo se empodera, como afirma Joice Berth¹⁶ “Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto

[...]” (2018, p. 19, grifo nosso). Ou seja, por vezes eu sei que não vamos tratar com total propriedade sobre o assunto, afinal, falar sobre raça é complexo quando não se tem uma formação que no mínimo tocou no assunto e assim precisamos buscar informações para além da sala de aula.

Mesmo assim escolhemos falar e nesse processo também situar nosso conhecimento, nossa educação e minha posição enquanto um jovem autor negro quase formado em Arquitetura e Urbanismo. Simultaneamente, ressaltamos que não devemos nos diminuir enquanto teórico/a e pesquisador/a, muito pelo contrário, há sim uma dificuldade em falar dentro do regime repressivo do racismo e do colonialismo e por esta razão precisamos exaltar nossa posição de coragem, de nos abrir, de nos colocar como pessoas negras e por vezes compartilhar eventos pessoais, de dor, revolta, orgulho e/ou inspiração dos quais partimos nossos estudos. Estamos aqui também propondo uma mudança nos fazeres da Academia e dos conhecimentos que nos foram impostos. Qualquer passo que dermos, pelo menos o de questionar, já é de imensa valia.

¹⁴ Renato Nogueira é carioca e Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES) do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Tem estudos com foco na filosofia africana, com destaque para estudos com perspectiva na infantilização.



¹⁵ Ressalto que em alguns pontos utilizo o “eu” como forma de apontar experiências pessoais. Mas fora desse contexto o “nós” prevalece.

¹⁶ Joice Berth é militante feminista do movimento negro, arquiteta e urbanista por profissão formada na Universidade Nove de Julho e pesquisadora da área de Direito à Cidade, com foco nas dinâmicas de raça e gênero dos espaços urbanos, regularização fundiária, remoções e urbanização de favelas.



... sobre Academia, conhecimento e descolonização

Diante dessa trajetória, então, é importante destacar que os espaços da Academia enquanto uma instituição de ensino, prática e desenvolvimento do conhecimento, não são neutros, e sim um local branco de dominação. Grada Kilomba (2019) enfatiza que dentro do regime do racismo e do colonialismo o silenciamento das pessoas não brancas¹⁷ é utilizado como mais uma forma de opressão.

[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. [...]. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes [...] têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas [...]. (KILOMBA, 2019, p. 50-51).

É preciso então reconhecer a violência dos espaços acadêmicos e das estruturas de validação do conhecimento inerentes a ele. Essa deslegitimação das formas de conhecimento e do conhecimento produzido por grupos

¹⁷ Em seu trabalho Grada Kilomba usa os termos *negras/os* e *People of Color (PoC)*. Neste trabalho, contudo, a título de não utilizar um termo em inglês, criticar o seu uso e também abarcar demais grupos que sofrem do racismo (povos indígenas, por exemplo) optou-se por utilizar o termo *pessoas não brancas*. Destaca-se, porém, que quando o assunto precisa ser direcionado a um grupo, esse será citado. Em algum momento do desenvolvimento do TFG chegamos a optar pela utilização do termo *pessoas racializadas*. Contudo, nos questionamos as razões do por que apenas *pessoas negras e indígenas* (não brancas no geral) são as únicas tratadas a partir da visão de raça. Afinal, branco também é raça. Porque *pessoas brancas* não são vistas como racializadas, como uma raça? Talvez esse meio também seja outra forma de silenciar tais debates e não salientar que o racismo não é um problema das pessoas que sofrem dele, mas de quem o criou, da branquitude. Assim, optamos por utilizar o termo *pessoas não brancas*.

dominados (não brancos) é o que Sueli Carneiro chama de epistemicídio.

[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, [o epistemicídio é] um processo persistente de produção da indigência cultural [...]. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes, [que buscam conhecimento]. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento 'legítimo' ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

O foco das matrizes curriculares em autores que se resumem a imagem do homem branco europeu ou norte-americano/estaduniense, além da maioria quase absoluta de professores brancos, como apontado acima, demonstra esse epistemicídio. A própria formação de boa parte dos/as professores/as em ainda não saber como lidar com temáticas raciais, de gênero, ou que falem sobre alguma opressão de minorias sociais, de não serem qualificados para tanto. A intenção aqui não é de apontar dedos, mas simplesmente de falar sobre a realidade como a vemos no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Agora, apontamos dedos sim, quando professores/as têm a chance de ter contato com tais temáticas através da articulação, motivação e convite dos/as estudantes e mesmo assim são ignorados ou as temáticas tratadas de forma insensível na qual a figura da docência sempre se mostra como vertical, impondo mais uma vez a ideia de quem tem o poder, o domínio do conhecimento e quem deve simplesmente se curvar a esses pensamentos conservadores, desqualificando e deslegitimando trabalhos que na verdade são inovadores e necessários.

Outro episódio de violação na academia foi no meu processo de desenvolvimento deste trabalho. No início do processo de TFG, os estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, no geral e pertencentes

a mesma grade curricular que eu (de 2006), devem apresentar um Plano de Trabalho (o qual chamamos de PT) do Trabalho Final de Graduação junto ao/a orientador/a e frente à banca de professores/as avaliadores/as da casa, demonstrando a intenção do que será desenvolvido no TFG. A minha defesa do Plano de Trabalho ocorreu online em dezembro de 2020 e minha temática já delineava a questão da raça como ponto central. O trabalho era intitulado, provisoriamente, “Sobrevivendo no Inferno: perspectivas afrofuturistas para a cidade de Maceió-AL” (ainda ressalto que minha apresentação seria seguida pela de outra colega de turma que também tratava de temática racial, além de questões de gênero). Ao final da minha apresentação, durante as considerações da banca de avaliadoras, 04 (quatro) pessoas com e-mails fora do domínio da universidade ingressaram na reunião do *Google Meet* de forma anônima (na verdade com nomes fictícios) e começaram a perturbar o decorrer da apresentação, colocando vídeos pornográficos no compartilhamento de tela, proferindo xingamentos e, assim, interrompendo o andamento do Plano de Trabalho; além delas, outras dezenas de pessoas tentaram entrar na sala, mas foram negadas pela professora responsável pelo ingresso na reunião ao perceber o comportamento das demais.

Após, aproximadamente 5 (cinco) minutos de tentativas de excluir os/as invasores/as, decidimos sair da sala e abrir uma nova reunião para dar continuidade e conclusão dos trabalhos. Nos dias seguintes uma carta da Direção e do Conselho da FAU/UFAL foi divulgada, falando sobre o ocorrido, informando sobre a necessidade de se tomar ações de prevenção e que medidas para investigação, identificação e punição dos invasores/as foram tomadas. O interessante é saber que as bancas de PT tinham divulgações de alcance interno à FAU/UFAL, tendo sido a data, horário e nome das apresentações publicizadas tradicionalmente nos e-mails e grupo de *WhatsApp* da faculdade, além de na página do *Facebook* do curso, devido ao caráter público delas. Após a publicação da carta, a universidade não mais entrou em contato para falar sobre a identificação e punição dos/as invasores/as. O que nos interessa mais é que pelo baixo alcance de divulgação temos certeza que o ataque veio de pessoas pertencentes à própria FAU/UFAL.

Ou seja, desse ocorrido tiramos como conclusão que meu trabalho não era bem-vindo, válido, merecia ser atacado, humilhado. E o que recebi como assistência formal da universidade, para além do óbvio apoio da banca orientadora no momento, da coordenação de TFG e da minha orientadora, foi uma carta repudiando o ato, falando sobre sua investigação e reforçando que estudos como esse deveriam ser respeitados. Não basta a complexidade de lidar com a temática, ainda precisamos lidar com o literal epistemicídio e negação do que entendemos como fazer ciência e produzir conhecimento. Outra vez parece que a estrutura da Academia é construída a fim de não possibilitar e/ou dificultar que estudos como este aconteçam. Apesar disso, nesses episódios encontramos força na mobilização de outros/as estudantes e amigos/as que compartilham desse fazer como uma literal luta de vida.

Complementar a isso, mais uma questão a ser destacada é que dentro da academia, majoritariamente branca, este TFG já surge como um trabalho que desafia suas próprias estruturas ao apontar sua branquitude, as formas como ela oprimem e utilizam de seus próprios sistemas para perpetuar sua hegemonia. Assim, às vezes, ele é reconhecido como muito revoltoso e agressivo, principalmente por docentes brancos/as, por outras, como um trabalho acolhedor, necessário, inovador e afetuoso, curiosamente e na maioria dos casos por pessoas negras. Queremos aqui pontuar que esse lugar de revolta é sim verdadeiro, inclusive dele, no capítulo “Gênesis”, parto este trabalho, no entanto, essa mesma posição não deve ser confundida com um lugar de raiva, da figura do sujeito negro agressivo e violento, ao qual sempre somos reduzidos pela branquitude (KILOMBA, 2019).

É nesse sentido que outro significativo ponto deve ser abordado mais uma vez: neste trabalho, estamos falando sobre as dores (e falar sobre dor não é nada fácil), as vezes nos sentimos livres e por outras não em compartilhar histórias pessoais para nelas realizar reflexões e críticas. Em seu *podcast* “Mano a Mano”, em episódio com Sueli Carneiro, o rapper e artista Mano

Brown¹⁸ enfatiza que “[...] a gente romantiza algumas lutas que não são tão simples e não são tão bonitas assim” (2022, *online*). Nossa vida não é pública e falar de si deve partir de si, do próprio conforto em compartilhar. E outra, não se deve confundir que nós nos pomos em nossos estudos como “objetos” da nossa pesquisa, como comumente as pessoas brancas tratam pessoas não brancas, objetificando-as, colonizando-as, dominando-as, mas sim que nos posicionamos e pesquisamos sobre raça, apenas isso. Nós falamos sobre nós porque nós queremos, não por que nos foi cobrado.

¹⁸ Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira, é um dos mais famosos rappers e compositores brasileiro. Nascido em São Paulo, Mano Brown formou em 1988 o grupo Racionais MC’s junto de Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Suas letras são conhecidas por falar sobre a vida em bairros negros, racismo, violência e crime organizado, por isso o consideramos também um dos maiores teóricos no Brasil quanto ao assunto.



... sobre os Procedimentos Metodológicos

A academia, portanto, ao dizer que parte de um lugar universal, objetivo e neutro, não reconhece que faz justamente o contrário: origina seus estudos de um lugar de poder e domínio. Este trabalho, logo, questiona o que esse saber dominante (pautado em normas e minuciosidades técnicas que definem como incorretas e inválidas o que fogem deles), ao se inclinar ao propósito de trazer “[...] um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético [...]” (KILOMBA, 2019, p. 59) como afirma Grada ao falar da procura das/os intelectuais negras/os pela descolonização do conhecimento acadêmico.

Neste trabalho, falo da minha realidade, do racismo antinegro que também sofremos, do nosso lugar de fala preto. Dessa forma e de acordo com Maria Estela Ramos¹⁹ “nossa opção política nas pesquisas é um fazer científico a partir do conhecimento diaspórico africano [, que seria o fenômeno de sequestro e imigração forçada das diversas populações do continente africano] [...]” (2020, p. 156). Não venhamos, contudo, a confundir que o nosso conhecimento situado pelo lugar de fala nos limita a escrever apenas sobre questões e relações raciais, aqui também nos comunicamos com propriedade sobre arquitetura, arte, cidade, urbanismo e diversos outros assuntos. Por fim, para além de reconhecer a violência dos silenciamentos e permissões dos espaços acadêmicos, este trabalho também vê como urgente (e ainda mais primordial que o reconhecimento das violências epistemológicas) a busca por discursos próprios, de emancipação do dito academicismo clássico.



¹⁹ Maria Estela Ramos é Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (PPGAU FAUFBA), com experiência profissional na área de projetos de arquitetura e interiores, projetos comunitários com técnicas construtivas tradicionais, tecnologias sociais e assessoria técnica em autoconstrução. Além disso, é pesquisadora na temática de arquitetura afro-brasileira e territorialidades de comunidades negras em áreas rurais e urbanas, com ênfase na formação de bairros negros.

Assim, utilizamos do entendimento da afroperspectividade como *suleadora*²⁰ do nosso trabalho, apreendida a partir da leitura dos trabalhos do filósofo Renato Noguera:

A afroperspectividade é uma maneira de estudar, ler, investigar, pesquisar, filosofar, compor ensaios e sustentar alternativas diante de temas e problemas que a vida nos impõe. Devido ao escopo deste ensaio não caberá uma longa apresentação do pensamento afroperspectivista; mas, uma sucinta descrição dos seus elementos centrais. A afroperspectividade remete a cosmo-sentidos africanos e pindorâmicos para pensar-sentir o mundo. Por cosmo-sentidos deve-se entender a recusa à tese clássica da cosmovisão, tal como nos apresenta a sociologia nigeriana da etnia iorubá, Oyèrónké Oyèwùmí. A cosmovisão – aqui entendida como visão de mundo – não deixa de ser, conforme Oyèwùmí, uma limitação ocidental. O termo ‘visão de mundo’ que se usa no Ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos a culturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos [...] usaremos ‘sentido de mundo’ em referência à sociedade ioruba e outras culturas que podem privilegiar outros sentidos ou uma combinação

²⁰ “‘Sulear’ aparece aqui numa direta contraposição ao termo ‘nortear’. Na esteira das leituras de Boaventura Santos, concordamos que as conotações ideológicas articulam as ideias de Sul e Norte como em desenvolvimento versus desenvolvido, bárbaro versus civilizado, periferia versus centro.” (NOGUERA, 2012, p. 63).

²¹ Oyèrónké Oyèwùmí é uma socióloga nigeriana com origens iorubá. Reconhecida e premiada na Associação Americana de Sociologia pelo livro “A invenção das mulheres” (1997), a autora tem notáveis pesquisas interdisciplinares, na qual associa estudos de gênero, sociologia e perspectivas africanas.



deles (OYÈWUMÍ, 2017, p. 39). A afroperspectividade opera articulando as possibilidades advindas de todos os sentidos para apresentar o mundo. De modo que não se trata de uma visão de mundo; mas, lançamos mão de olfatos de mundo, audição de mundo, tato de mundo, paladar de mundo. Daí, numa sinestésica articulação de sentidos de mundo, encontramos caminhos para nossa hipótese [...]” (2019, p. 128-129).

Dessa maneira, este TFG se inspira no álbum de música “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais MC’s de 1997: o nome do álbum intitula o trabalho e algumas das músicas dão nome aos capítulos aqui desenvolvidos, tanto a fim de oferecer pausas na leitura, quanto de, especialmente, possibilitar outras formas de compreensão a quem aqui lê da pretensão e significado do que escrevemos. A diagramação e formatação do trabalho são utilizadas como ferramentas de discurso, e não de ilustração pela ilustração, para dar margem a demais meios de pensamento e reflexão. Nesse caminho percebemos que o convencional formato de entrega em um documento word tamanho A4 limita as formas de expressão as possibilidades que o processador de texto permite dentro dessas condicionantes, assim, o *software Adobe InDesign* foi de extremo auxílio para experimentar outros modos de diagramação e apresentação do trabalho.

O programa possibilitou dar profundidade ao texto para além da folha da tela, seja por meio da articulação em cada capítulo de colagens próprias desenvolvidas por mim nas séries “Me Curar em Mim” (2020) e “[Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros](#)”²² (2021), feita em parceria com uma amiga Fotógrafa e Cientista Social pela Universidade Federal de

²² A coleção “Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros” (PAULA; MARQUES, 2021) foi publicada na Revista Fotocronografias no “[Vol. 07 num17 – 2021 – Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências](#)”.

Alagoas, Tayná Almeida²³; ou na adição de *hyperlinks*, de músicas, trabalhos de arte, postagens de redes sociais, documentários, entre outros durante a escrita; tudo no intuito de agregar conversas e descobrimentos outros que não a escrita, dando-as dimensões temporais. Na diagramação trato o trabalho como o meu *remix* do álbum lançado há 25 anos atrás: como um disco de vinil com Lado A, falando sobre a violência letal urbana nos bairros negros de Maceió-AL, e Lado B, falando sobre as imagens de vida dos bairros negros de Maceió-AL, em busca de reconhecer narrativas urbanas que não as de criminalização, de construção da diferença, da marginalização, para assim enfrentar a violência.

Tudo isso a fim, também, da procura de uma auto compreensão do que é este trabalho, de seu processo de desenvolvimento e da crença de que ele existe para além do que se chamaria nos procedimentos do academicismo clássico de objetivo central. A ideia de traçar um objetivo central também perpassa pela construção de objetivos específicos, ou seja, delimitar o que mais importa frente ao que menos importa para o desenvolvimento do trabalho. Mas como eu poderia falar sobre violência sem entender que a motivação primeira para escrever o trabalho foi minha própria vivência? Seria então minha vivência central ou específica? Seria meu próprio “eu” específico (o que menos importa)? Como falar de violência sem falar da concepção estrutural do racismo, patriarcado, capitalismo e tantas outras formas de opressão? Seriam essas pautas gerais ou específicas? Em certa medida, delimitar o que seria um objetivo principal, também trata da reprodução de uma violência epistêmica. Consequentemente, resalto aqui que no lugar de objetivos, compreendo que tenho intenções e que elas partem de diversos lugares (pessoais, acadêmicos) e não são hierarquizadas

²³ Tayná Almeida é cientista social formada pela Universidade Federal de Alagoas, fotógrafa (@taynalmeidaphoto) e atual mestranda em Antropologia Social pela mesma universidade (PPGAS/UFAL). Ela também é mais uma amiga que tive a honra de compartilhar diversos momentos e trocas para a realização deste trabalho. Natural de São Paulo, Tayná tem pesquisas voltadas para Antropologia Visual, Antropologia Urbana, Memória Coletiva e Fotografia.



por valores de alcance a um propósito.

O trabalho começa com o Lado A: no capítulo “Diário de um Detento: Relações Raciais e Espaço Urbano”, a partir de um apanhado bibliográfico de autores e autoras que estudam a formação das sociedades contemporâneas em meio a pesquisas pós-coloniais e decoloniais. Neles busco entender o como a hegemonia branca afeta as atuais cidades e seus espaços urbanos e naturaliza e territorializa a violência sob corpos negros. Os fichamentos textuais foram de extrema importância para tanto, contudo, no decorrer dos processos de leitura e registro percebi que era difícil relacionar as referências estudadas, afinal, os textos eram muitos e estavam separados em diferentes arquivos de formato *.doc* e/ou *.pdf*. Dessa forma, a plataforma de colaboração visual e lousa interativa *Miro* foi de extrema importância ao facilitar a disposição e associação dos textos e seus fichamentos de forma conjunta em uma mesma área/tela de trabalho.

Em sequência, no “Capítulo 4, Versículo 3: Violência Letal Urbana em Maceió-AL”, trago a cidade de Maceió-AL como estudo de caso, analisando dados obtidos com a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Alagoas - SSP/AL acerca do número de Crimes Violentos Letais Intencionais por meio da sistematização de recortes de raça, gênero, idade, instrumento utilizado para o crime e imediações no qual ocorreu, bem como da espacialização das ocorrências dos crimes por bairro através do programa *Quantum GIS*, *software* de georreferenciamento utilizado para vinculação de dados ao mapeamento de territórios. Além disso, fazendo uso da mesma ferramenta, foram mapeados informações de distribuição de renda, presença da população negra, presença de mulheres chefes de família, alfabetização, renda e densidade demográfica a partir da coleta de dados dos setores censitários do Censo 2010, a fim de entrelaçar os dados numa perspectiva interseccional. Foi possível, então, seguir para uma análise quantitativa e qualitativa dos dados e estabelecer uma crítica para além das estatísticas: destacando a defasagem de dados do Censo e o papel do Estado, mais especificamente, da Polícia, instituição que também está inserida numa conjuntura e estrutura social de reprodução de opressões e marginalização

de pessoas negras.

Por sua vez, no Lado B, temos o capítulo “Mágico de Oz: Os céus no inferno”, no qual partindo da ideia do perigo da história única, de que nada ou ninguém pode ou deve ser resumido a um acontecimento, realizo fotocolagens dos bairros identificados como os mais violentos, justamente para propor imagens de vida em confronto a essa imagem de morte causada pela violência letal urbana. Isso se dá através do processo de montagem urbana, método de apreensão das cidades contemporâneas no qual são utilizados da articulação de diversos fragmentos de representação da cidade (textual, fotográfico, cartográfico, contanto que represente o espaço urbano de alguma forma) para dar criação a uma nova narrativa. A partir da montagem urbana algumas reflexões e análises sobre os bairros negros da cidade foram feitas através de conceitos da filosofia africana, particularmente o de *Ubuntu*, a ideia de existência e cuidado mútuo. Ressalto que os conceitos e procedimentos aqui descritos serão melhor abordados dentro do capítulo citado, de maneira a melhor explorá-los e não reduzi-los.

O trabalho se encerra com os capítulos “Fórmula Mágica da Paz: Considerações para outros Inícios” e “Jorge da Capadócia: Referências Bibliográficas”, com discussões gerais do que aqui foi estudado e dando, além de nome, rosto aos/as autores/as trabalhados/as, respectivamente. Originalmente, este trabalho estabeleceu etapas similares às acima apresentadas, elas tinham a intenção de alcançar um recorte espacial para algum tipo de proposição projetual arquitetônica e/ou urbanística. Entretanto, no processo de pesquisa e produção do TFG, ao lidar com dados, leituras de diferentes referenciais, participação em palestras, cursos/aulas (na qual aqui destaco a minha participação como extensionista nas disciplinas do Mestrado de Urbanismo da Universidade Federal da Bahia: “Bairros Negros: A Forma Urbana das Populações Negras no Brasil” e “Relações Étnico-Raciais em Arquitetura, Urbanismo e Cidade”, ministradas por Henrique Cunha e Fábio

Velame²⁴ em 2021, além da realização do curso “Afrofuturismo: da África Antiga a distopia do presente”, ministrado por Morena Mariah em 2020); e trocas com amigos e conhecidos que tratam de temáticas similares, essa intenção foi sendo desmistificada. Afinal, pensar na melhora das cidades e seus espaços urbanos não se trata necessariamente e apenas da modificação/proposição/intervenção física/projetual dos seus espaços, como comumente é estimulado nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo



²⁴ Disciplinas do Mestrado de Urbanismo da Universidade Federal da Bahia ofertadas por meio de uma iniciativa de extensão da Faculdade de Arquitetura, que disponibilizou vagas para estudantes e pessoas externas. Ambas as disciplinas ocorreram de forma remota e tiveram como ministradores os professores Henrique Cunha (foto de cima) e Fábio Velame (foto de baixo), teóricos das áreas de Bairros Negros, Territórios negros, História e Urbanismo Africano; e Cidades Africanas, Arquiteturas e Urbanismo Africano, Diásporas Negras e Cidade, Arquiteturas e Cidades Afrodiaspóricas, Racismo e Cidade, Arquiteturas de Povos e Comunidades Tradicionais, e Arquiteturas de Grupos Étnico-Raciais, respectivamente. Ambas as disciplinas ocorreram no ano de 2021.

Colagem 03

Dona Maria, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros.

Fonte: PAULA; MARQUES [autor], 2022.



Diário de Um Detento Relações Raciais e Espaço Urbano

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã

Aqui estou, mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo

Sabe o que eu penso

O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero

Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou a apelação?

Mandô um recado lá pro meu irmão

Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão

Ele ainda tá com aquela mina

Pode crer, moleque é gente fina

Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá

Tanto faz, os dias são iguais

Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

“Diário de Um Detento”, Racionais MC’s²⁵

Silvio de Almeida²⁶ nos alerta que “[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.” (2019, p. 24-25). É importante, então, falar de como a história moderna e sua a construção da noção de homem fazem a ideia de raça ganhar relevância social até os tempos atuais. As grandes revoluções liberais que dão base às constituições de igualdade das sociedades contemporâneas fundamentam-se sobre a filosofia iluminista, a mesma que instaurou do ponto de vista intelectual a diferença entre o civilizado e o primitivo, chamando isso de razão e dando como missão de vida ao homem branco europeu (cisheteronormativo e cristão) a tarefa de levar essa civilização aqueles ditos menos desenvolvidos, dentre eles, os diversos povos africanos.

É nessa direção que Achille Mbembe²⁷ (2018a) destaca que o colonialismo surge como um projeto de universalização dos colonizados nos espaços da modernidade e, logo, das atuais sociedades. O racismo antinegro aparece então como um meio de autolimitação do povo negro e de instrumentalização de seus corpos em nome da garantia dessa razão branca. Isso é, a sociedade colonial é construída em cima de uma narrativa de hegemonia do ser branco, aquele que importa, que deve ser preservado e respeitado, na qual tudo é absoluto e se houver contestação é seguida de repressão. “Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura

²⁶ Silvio de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Natural de São Paulo, preside o Instituto Luiz Gama e se consolidou como uma das novas vozes no panorama intelectual brasileiro, principalmente a partir do lançamento de seu livro “Racismo Estrutural” (2019).



²⁷ Achille Mbembe é um dos mais importantes filósofos, teóricos políticos, historiadores e intelectuais sobre estudos pós-coloniais. Professor universitário Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) da Universidade Witwatersrand de Joanesburgo, Mbembe nasceu na República de Camarões e ficou bastante conhecido pelas suas obras Necropolítica e Crítica da Razão Negra.



social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. **O racismo é estrutural.**” (ALMEIDA, 2019, p. 50, grifo nosso). Dependendo assim de aparatos, práticas e organizações subjetivas e funcionais que sempre se renovam e adaptam para perpetuar a mesma lógica de poder e desigualdade.

Ao aproximar esse fato do campo da Arquitetura e Urbanismo, mais especificamente das cidades e seus espaços urbanos, percebe-se que a colonialidade causa diversos impactos no fazer político, econômico e social cidadão, da micro à macro escala. Numa mesma casa temos a suíte master com *jacuzzi* e *closet* e do outro lado um quarto de empregada sem ventilação adequada; numa mesma rua temos pessoas morando em casas e apartamentos de luxo e pessoas sem teto; num mesmo bairro temos condomínios com uma infraestrutura de alto padrão totalmente murados e do outro lado pessoas vivendo em assentamentos precários localizados em encostas; num mesmo município temos áreas com grandes concentrações de renda, enquanto outras não chegam nem a um salário mínimo; numa mesma região metropolitana temos cidades com áreas contendo grande diversidade de usos, ao passo que outras têm um caráter de uso primordialmente residencial.

“O racismo delimitou não apenas os espaços sociais, mas também os espaços físicos desenhando as cidades de maneira excludente e segregacionista, reforçando a supremacia branca como forma de poder predatório.” diz Joice Berth (2019, *online*). Ou seja, a raça é um dos fatores fundamentais para consolidação dessa desigualdade e da garantia da hegemonia branca. Afinal: quem mora nas periferias? Quem habita nas áreas mais privilegiadas de localização e infraestrutura? Quem é responsável pelos trabalhos de base e serviços na cidade? Quem faz parte das esferas de gestão e planejamento do Estado? Quem tem jornada de trabalho tripla? Quem mais utiliza os transportes públicos, caracterizados pela precariedade e lotação? Porque a necessidade de projetar quartos de empregada?

O acesso ao que deveria de fato ser o Direito à Cidade é definido pela raça, mas não só por ela, também pelo gênero e classe, como nos alerta

Mayara de Paula (2019) em sua análise interseccional²⁸ da vida urbana em Maceió-AL com foco nas condições de vida das mulheres negras. Dentro dos grupos que fogem da norma branca e logo são hierarquizados em um nível de desonra e inferiorização, há quem sofra mais ainda por ter outros marcadores sociais que os perpassam. De forma similar ao racismo, o sistema patriarcal e o machismo surgem como ferramentas de dominação e violação: às mulheres o direito de escolha é privado, elas são utilizadas como instrumentos para realização de diversas tarefas de serviço domiciliar, produtivas e reprodutivas.

Ao analisar os mapas de infraestrutura básica da cidade de Maceió [acesso à água, iluminação pública, coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação, calçadas e presença de esgoto a céu aberto e lixo na rua] e sobrepor suas informações foi possível identificar bairros que sofrem de maneira mais intensa com a precarização desses itens. [...] Esses bairros possuem a maior quantidade de setores censitários que sofrem com a precarização da infraestrutura básica, maioria de população negra e, também, grande quantidade de mulheres responsáveis pelo domicílio [...]. Nessa lógica, essas mulheres, que possuem diversas jornadas, e tarefas produtivas e reprodutivas, acabam tendo que lidar com a sobrecarga e as dificuldades advindas da falta de infraestrutura. (PAULA, 2019, p. 62).

²⁸ O conceito de interseccionalidade é cunhado por Kimberlé Crenshaw (foto de cima) em 1989, como uma maneira analítica de pensar identidade e sua relação com o poder. Carla Akotirene (foto de baixo), militante da causa negra, feminista e Doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, em seu livro “Interseccionalidade”, ressalta que “[...] por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos.” (2018, p. 37).



Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a arquitetura que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia. Portanto, repensar o que está posto e principalmente em nosso campo de Arquitetura e Urbanismo “[...] é uma questão incontornável dentre tantas outras para a superação do fantasma colonial e escravocrata [que ainda se arrasta] [...]”, como afirma João Pena²⁹, no artigo “[O quarto de empregada e a morte de Miguel](#)” (2020, p.116). O modo de desenvolvimento capitalista, então, surge como mais um meio de garantia da hegemonia branca e do não acesso ao Direito à Cidade por grupos oprimidos. Direito este compreendido aqui não só pela definição do Estatuto da Cidade - de entendimento da propriedade urbana em prol do bem coletivo, do “[...] direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” (BRASIL, 2001, online) -, mas como uma filosofia e compromisso ético-político da necessidade de uma vida digna e plena em compartilhamento e pertencimento mútuo das pessoas e meio em que vivem.

A urbanização, pela lente do capitalismo, da sua visão de mundo, sempre foi entendida apenas como um fenômeno de classe. Pelos sentidos de mundo da interseccionalidade, contudo, podemos ver que não apenas só da classe, assim como da raça, gênero e outros marcadores sociais. Enxergar as cidades contemporâneas brasileiras somente como um reflexo de processos mercantis é reduzi-la e, assim, apagar, mais uma vez, as populações racializadas que verdadeiramente a construíram a custos de processos exploratórios e colonizadores impostos pelo povo branco, que, contudo, sempre tende a reivindicar, por meio da história, de discursos e



²⁹ João Soares Pena é urbanista e doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA (2015-2020). Também tem doutorado sanduíche no Amsterdam Institute for Social Science Research (AISSR) da Universiteit van Amsterdam (UvA). Suas pesquisas e interesses se voltam para estudos que trabalhem a relação entre espaço urbano, gênero, sexualidade e raça.

símbolos, que eles são donos e responsáveis pelos processos de “avanço” e “desenvolvimento”. Mas não, eles são responsáveis pelas feridas.

David Harvey³⁰ (2014), por exemplo, urbanista marxista branco europeu, internacionalmente reconhecido por seus estudos de ampliação do que seria o direito à cidade, recai nessa mesma narrativa e limita seu discurso à sua visão de mundo branca de conquistador. Dessa forma, a produção e o dito “desenvolvimento” - em aspas, afinal só privilegia pessoas brancas - das cidades contemporâneas são ligadas intimamente ao capitalismo, mas da mesma forma a questões raciais, de gênero e demais marcadores sociais como nos mostra a perspectiva interseccional. Segundo Joice Berth, em alusão e crítica aos estudos de Jane Jacobs³¹ (2007), outra teórica branca norte-americana/estadunidense de visão limitada: “O racismo é um urbanista que planeja e define espaços de morte e vida nas grandes cidades” (2019, [online, grifo nosso](#)).

As cidades contemporâneas brasileiras, portanto, são marcadas por essa forte dicotomia social e espacial definida por diversas formas de opressão e sua intersecção. Débora Cavalcanti³², no artigo “[Lutando por um lugar](#)

³⁰ David Harvey é um homem branco britânico, nascido em 1935. Geógrafo formado pela Universidade de Cambridge e professor da Universidade da Cidade de Nova York. Tem seus estudos voltados a partir de uma orientação marxista. O autor é um dos principais nomes da Geografia Humana contemporânea, sendo em 1995 ganhador do Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia.

³¹ Jane Jacobs é uma mulher norte-americana/estadunidense branca, reconhecida pela sua obra “Morte e vida das grandes cidades” (1961), no qual critica as formas e tendências da prática do urbanismo moderno na década de 1950 nos Estados Unidos da América, em especial a conformidade e ampliação das cidades em prol dos automóveis e rodovias e como isso causa uma degradação na vida urbana de forma ampla.

³² Débora Cavalcanti é professora de arquitetura e urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. PhD em Planejamento Urbano pela *London School of Economics and Political Science* (2010), tem seus estudos com foco em planejamento e gestão urbano-ambiental participativos e atuando no diálogo com movimentos sociais de moradia de Alagoas.



[na cidade de Maceió, Brasil](#)” (2017) (derivado de sua tese de doutorado), desenvolve a ideia de ~~territórios da pobreza~~,

[...] espaços onde as diferentes facetas da segregação urbana: social, econômica e cultural (incluindo estigmas de raça) – podem ser encontradas todas no mesmo lugar [...]. Os ~~territórios da pobreza~~ sintetizam uma forte combinação de aspectos econômicos, físicos e sociais que caracterizam os espaços dos pobres nas cidades contemporâneas. Estes espaços são caracterizados por um ciclo intergeracional de pobreza, o declínio da confiança na mobilidade social e a prevalência de uma certa homogeneidade étnica em determinados espaços. ‘Novas’ dinâmicas como a extrema violência dentro dos assentamentos exacerbam as dificuldades em viver dentro de espaços [e sair deles]. (2017, p. 4, grifo nosso).

Neste trabalho tacharemos o termo ~~territórios da pobreza~~ como uma forma de criticar seu uso, tendo em vista que auxilia na estigmatização negativa e de inferiorização de territórios nos quais a população negra habita. Em vez dele, usaremos o termo **bairros negros**, cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-a apenas a visão de classe, como comumente é tratado, e portanto desinibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pelo sentença da miséria e da pobreza de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêtricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: ~~cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais~~. Nesse mesmo caminho e em contrapartida, para descrever as áreas privilegiadas da cidade, que só existem em meio à exploração, utilizaremos o termo **bairros brancos**. Da mesma maneira, o recurso da taxação será desfrutado para criticar outros termos (como os demais acima tachados) que auxiliam nessa percepção.

O Estado, nesse cenário, operado e dominado pela figura da

hegemonia branca, só surge de dois modos: em casos de emergência ou de modo manter essa desigualdade, por meio de processos institucionais e legais. São exemplos dessa prática o estímulo ao espraiamento urbano, dado pela construção de loteamentos, destinados à população de baixa renda, de uso e ocupação residencial homogênea, de baixa qualidade arquitetônica e em lugares muito distantes das centralidades econômicas/sociais/culturais já existentes na cidade. O maior investimento em ações policiais do que em políticas públicas de educação, saúde, infraestrutura, cultura e lazer em áreas periféricas. Ou mesmo a invisibilização das populações marginalizadas, simplesmente mantendo um baixo perfil de atendimento e diálogo ou por vezes alegando a falta de recursos e corpo técnico qualificado (o que não é real, pois mesmo frente a recursos³³ o Estado mostrou-se ineficaz e estimulador das desigualdades). Nessa não mobilização do Estado frente à pobreza de capital que diversas pessoas negras morrem devido a uma violência estrutural, dita silenciosa, mas que grita, só não é dada ouvidos, exercida sobre elas por instituições públicas e privadas.

As periferias e favelas, são parte de uma importante articulação de desumanização de sujeitos negros, expostos a práticas racistas que culminam com a morte física. Os espaços das cidades espelham as hierarquias raciais que estão dadas pelo sistema sociopolítico, e precisam se tornar componentes de análise e diagnóstico, denominadas em todos os planos e trabalhos que visem melhorias socioespaciais. Não é casual o clima de guerra instaurado nas periferias e áreas de favelas, com a desculpa de inibição do tráfico de drogas [por exemplo]. Sabemos que a guerra às drogas é uma guerra contra a população

³³ Entre 2009 e 2018, R\$110 bilhões de reais foram investidos pelo Orçamento Geral da União no Programa Minha Casa Minha Vida, com a marca de 5.567.032 unidades habitacionais contratadas e 4.087.628 unidades habitacionais entregues. Contudo, em 2017, o déficit habitacional no Brasil ainda se mantém alto, cerca de 7,8 milhões de domicílios, enquanto em 2013 a marca era de 7,3 (LIS 2019).

negra, já que não são apenas os lugares pretos das cidades que têm tráfico, as áreas brancas e elitizadas também têm. Esses espaços pretos são lugares do racismo que se materializaram para cancelar as outras práticas que figuram no grande guarda-chuva da hierarquia racial histórica. Nesses lugares a permissão social se alia ao descaso e à perpetuação de estereótipos, estigmas e a violência física e simbólica que mata pessoas negras e pobres desde os primórdios desse país. (BERTH, 2019, [online, grifo nosso](#))

Portanto, “Em um mundo em que a raça [gênero, classe e diversos outros marcadores sociais, como nos mostra a abordagem interseccional,] define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução de grandes mazelas do mundo.” (ALMEIDA, 2019, p. 57). Dentro desse contexto que se constrói a narrativa e soberania de hegemonia branquitude, apenas às pessoas brancas é reservado o privilégio aos direitos, à piedade, à comoção, à razão. Qualquer fuga que ponha em risco esse ideal é passível de controle “[...]. Aqui estou, mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia. [...]” (SOBREVIVENDO, 1997, *online*).

Para descrever as sociedades contemporâneas e essa normalização com a morte de diversos povos considerados minorias sociais, Achille Mbembe (2018b) traz o conceito de Necropolítica e Necropoder: a política e o poder da morte, que incidem sobre aqueles que têm aceitabilidade para morrer, que são descartáveis, aqueles que precisam sobreviver no inferno das cidades atuais. Na finalidade de realizar uma contribuição teórica, partimos da hipótese de que também há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais. Ou seja, queremos aqui trabalhar com a ideia de que dentro do espaço urbano há áreas com uma maior aceitabilidade e probabilidade de homicídio doloso e que esses lugares se resumem, basicamente, aos bairros negros das cidades.

Colagem 04

Levitar, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros.

Fonte: PAULA; MARQUES [autor], 2022.

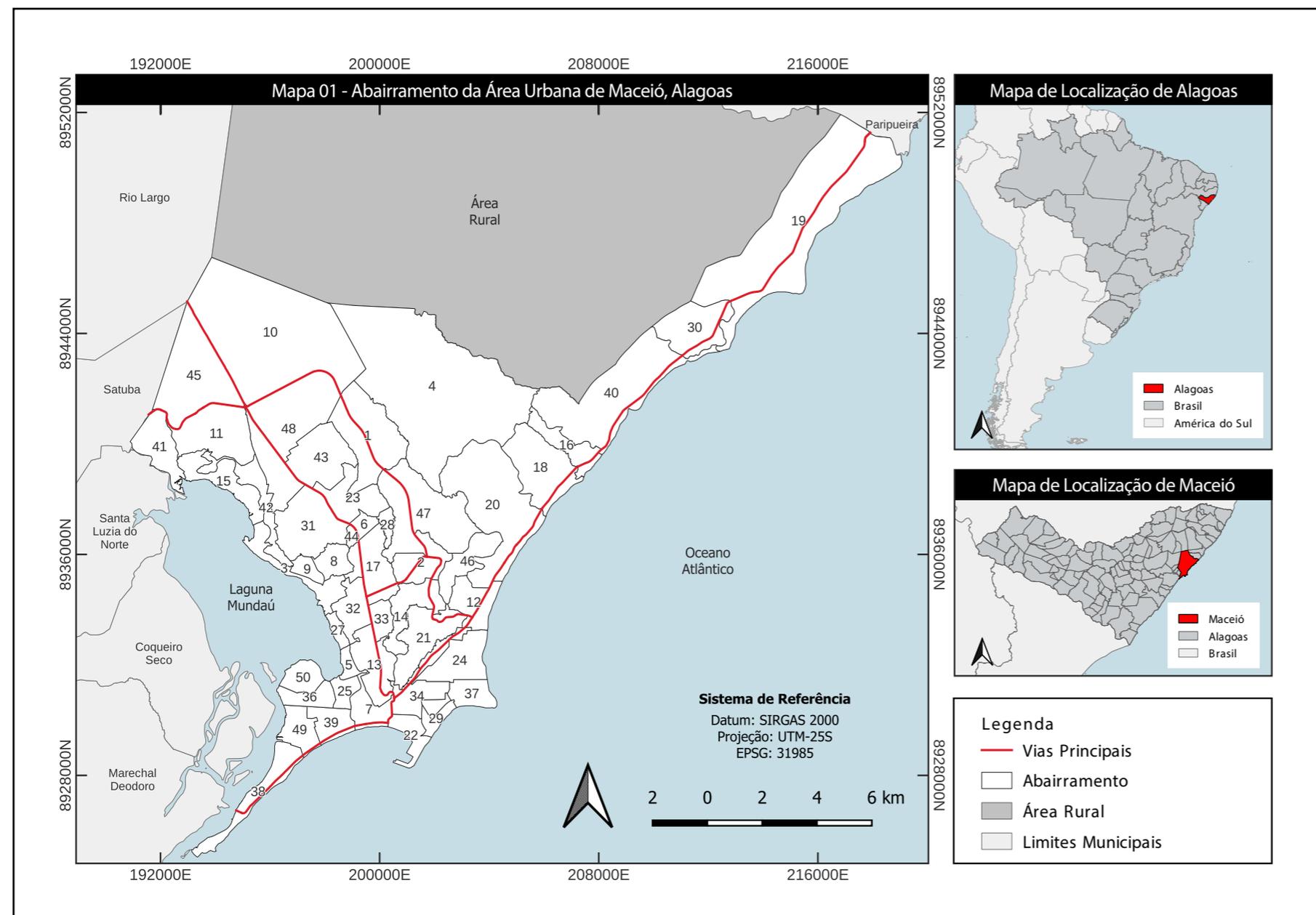


Capítulo 4, Versículo 3

Violência Letal Urbana em Maceió-AL

*60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
Já sofreram violência policial
A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente
Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
O preto aqui não tem dó, é 100% veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou parar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição
Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tenho disposição pro mal e pro bem*

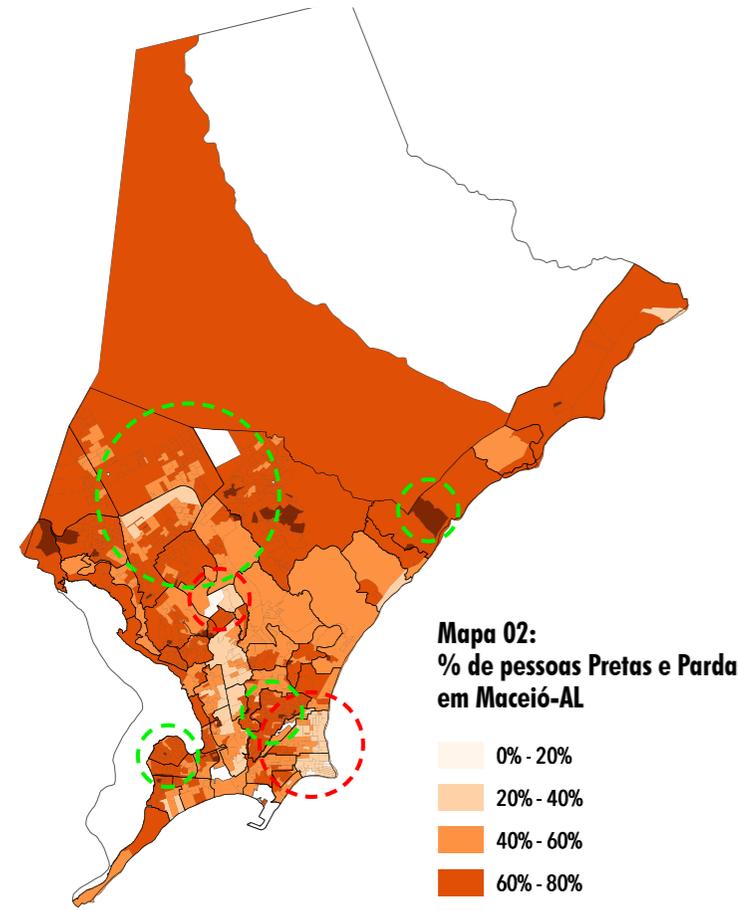
“Capítulo 4, Versículo 3”, Racionais MC's³⁴



1 Antares	18 Guaxuma	35 Ponta da Terra
2 Barro Duro	19 Ipioca	36 Ponta Grossa
3 Bebedouro	20 Jacarecica	37 Ponta Verde
4 Benedito Bentes	21 Jacintinho	38 Pontal da Barra
5 Bom Parto	22 Jaraguá	39 Prado
6 Canaã	23 Jardim Petrópolis	40 Riacho Doce
7 Centro	24 Jatiúca	41 Rio Novo
8 Chã da Jaqueira	25 Levada	42 Santa Amélia
9 Chã de Bebedouro	26 Mangabeiras	43 Santa Lúcia
10 Cidade Universitária	27 Mutange	44 Santo Amaro
11 Clima Bom	28 Ouro Preto	45 Santos Dumont
12 Cruz das Almas	29 Pajuçara	46 São Jorge
13 Farol	30 Pescaria	47 Serraria
14 Feitosa	31 Petropolis	48 Tabuleiro do Martins
15 Fernão Velho	32 Pinheiro	49 Trapiche da Barra
16 Garça Torta	33 Pitanguinha	50 Vergel do Lago
17 Gruta de Lourdes	34 Poço	

Situado entre a Laguna Mundaú e o Oceano Atlântico, Maceió, capital de Alagoas, tem 509,32 km² distribuídos em 50 bairros e Zona Rural (Mapa 01). Com uma geomorfologia marcante, a cidade divide-se em uma planície marinho-lagunar (parte baixa) e um planalto de tabuleiro (parte alta), entrecortado por áreas de vales que formam encostas com declividades acentuadas (as chamadas grotas). Maceió é unidade federativa com o menor IDHM³⁵ no Brasil, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2022) e destaca-se pelas grandes disparidades encontradas entre os IDHM: enquanto as áreas mais precárias pontuam 0,522, as mais estruturadas chegam a 0,956. Para Débora Cavalcanti (2017), isso são reflexos de um modelo de desenvolvimento conservador, dado através de um sistema coronelista, de monocultura em latifúndios de cana-de-açúcar para exportação e sob um regime de trabalho de escravidão, que assegura o poder de uma pequena elite usineira.

³⁵ IDHM ou Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é uma escala, de 0 a 1, que indica o nível de desenvolvimento de diversos setores da cidade.



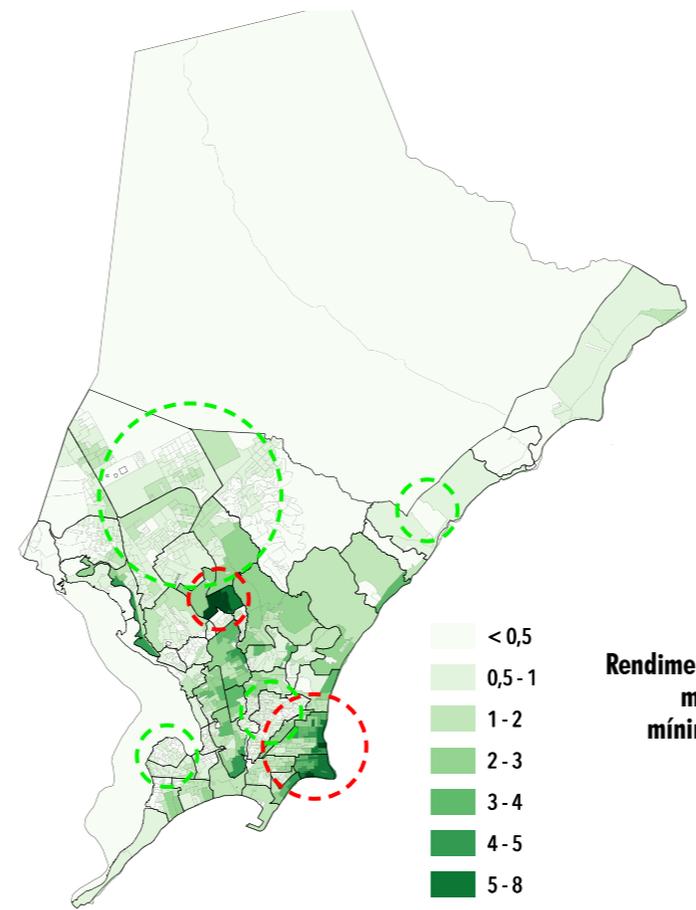
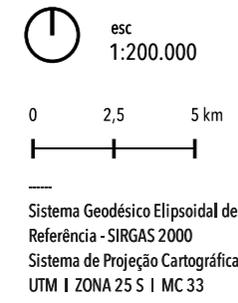
Mapa 02:
% de pessoas Pretas e Pardas em Maceió-AL

- 0% - 20%
- 20% - 40%
- 40% - 60%
- 60% - 80%
- 80% - 100%

- Abairramento
- Setores Censitários
- - - Alta concentração de pessoas brancas
- - - Concentração de pessoas negras

Fonte: Autor (a partir de dados do IBGE), 2021.

obs.:
Não foi possível obter dados do IBGE sobre os Setores Censitários marcados em branco.



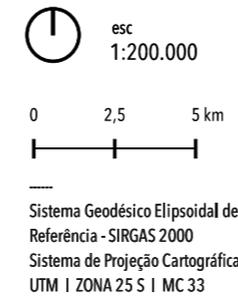
Mapa 03:
Rendimento familiar médio mensal (em salários mínimos) em Maceió-AL

- < 0,5
- 0,5 - 1
- 1 - 2
- 2 - 3
- 3 - 4
- 4 - 5
- 5 - 8
- > 8

- Abairramento
- Setores Censitários
- - - Alta concentração de renda
- - - Baixa concentração de renda

Fonte: Autor (a partir de dados do IBGE), 2021.

obs.:
Não foi possível obter dados do IBGE sobre os Setores Censitários marcados em branco.



Com uma população estimada de 1.018.948 pessoas, das quais 62% representam pretos e pardos e 53% mulheres (IBGE, 2010), ao observar o Mapa 02 e o Mapa 03 percebemos que ao longo da orla marítima à sudeste/leste, parte baixa, há aglomerado de bairros brancos (Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca), caracterizados pela alta concentração de renda. Da mesma forma na área central do território maceioense, com destaque para o bairro Jardim Petrópolis. Reforça-se também que essas áreas são caracterizadas por boa infraestrutura básica de acesso à água, iluminação pública, coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação e calçadas, como nos mostra Mayara de Paula em seus estudos sobre Maceió-AL (2019). Em contrapartida, na parte alta da cidade, ao norte, ao longo de toda orla lagunar, da orla marítima, ao nordeste, e no bairro do Jacintinho e arredores próximos, observa-se uma concentração de bairros negros com baixo rendimento familiar médio mensal e caracterizados pela falta de acesso a uma infraestrutura básica de qualidade (PAULA, 2019).

... a perspectiva das estatísticas

Antes de falar sobre a estatística em si é importante ressaltar que entendemos a violência do mesmo modo que Vilma Reis³⁶ (2005): qualquer forma de violação dos direitos de indivíduos ou grupos humanos que não têm meios de defesa e/ou autodefesa frente uma força maior. Segundo o “Atlas da Violência de 2021” (CERQUEIRA *et al.*, 2021), o estado de Alagoas, há 7 anos, é o que apresenta as mais altas diferenças entre a vitimização de negros e não negros. Destaca-se que a capital alagoana, Maceió, já liderou o ranking das cidades mais violentas do Brasil: em 2016, Maceió era apontada pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública como a 5ª mais violenta do país e a 18ª cidade do mundo, em 2015, as colocações já chegaram a 1ª e 5ª no âmbito nacional e internacional, respectivamente (FBSP, 2015, 2016). Desde então a cidade passa por uma redução dos homicídios, havendo uma queda de 50,13% entre 2013 e 2021 em Alagoas no geral (SIQUEIRA; CARVALHO, 2022, *online*), situação divulgada pelo Governo do Estado de Alagoas como exemplo para o país. Contudo, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 (FBSP, 2022), Maceió, ainda é um dos municípios com mais de 100 mil habitantes no Brasil a ter taxas de Mortes Violentas Intencionais³⁷ superior à média nacional, chegando a marca de 37% acima em 2021.

Conforme a Secretaria Estadual de Segurança Pública de Alagoas - SSP/AL, entre 2012 e novembro de 2021 foram registrados 5712 ocorrências

**em 2015, Maceió era a
5ª cidade mais violenta do país
e a 18ª no mundo**

**em 2016, Maceió era a
1ª cidade mais violenta do país
e a 5ª no mundo**

**em 2021, Maceió tem taxas de
Mortes Violentas Intencionais**

**37%
acima da média nacional**

³⁶ Vilma Reis é uma mulher, negra, baiana, socióloga e ativista defensora de direitos humanos, das mulheres, negros e pessoas LGBTQT+. Trabalhou por dois mandatos na ouvidora-geral da Defensoria Pública da Bahia e em 2020 lançou-se como candidata à prefeitura de Salvador.



³⁷ “A categoria Mortes Violentas Intencionais (MVI) corresponde à soma das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais em serviço e fora [...]” (FBSP, 2022, p. 23).

de Crimes Violentos Letais Intencionais - CVLI³⁸ no município de Maceió (ALAGOAS, 2021c)³⁹. Desses:

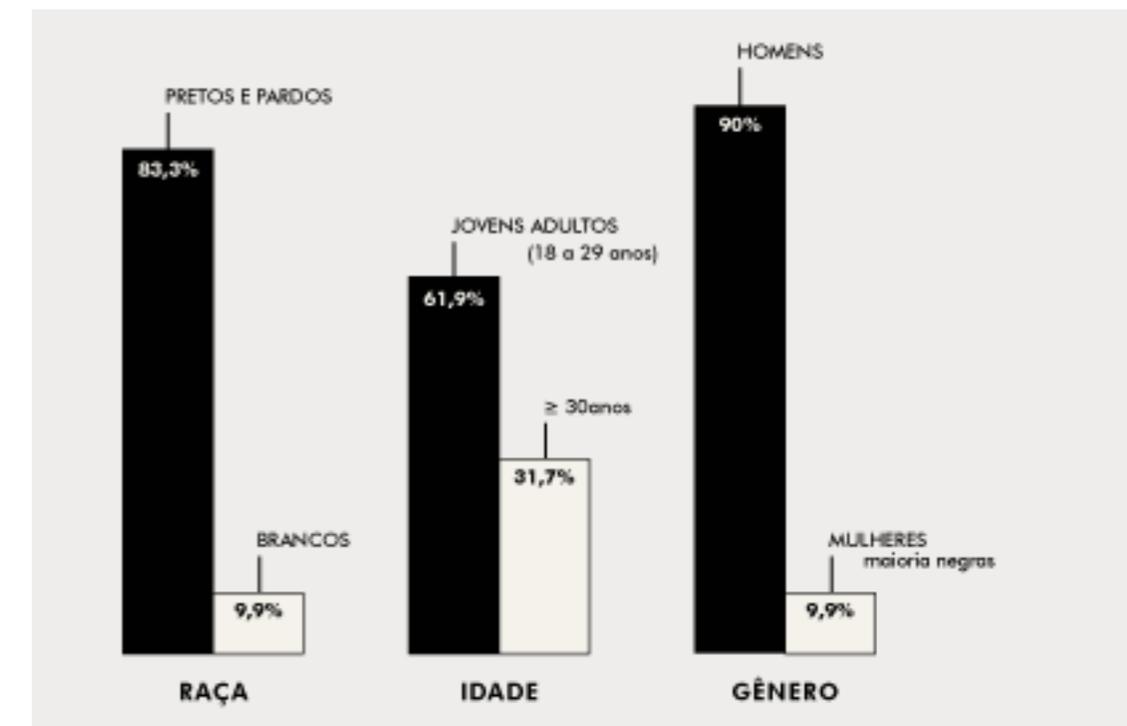


Gráfico 01 - 03 % de vítimas CVLI por raça, idade e gênero em Maceió-AL entre 2012 e 2021. Fonte: Autor, 2022 (a partir de dados do SSP-AL, 2021).

³⁸ De acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público “A categoria ‘Crimes Violentos Letais Intencionais’ foi idealizada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP), com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social. São considerados como CVLI os crimes de homicídio doloso, incluindo-se o feminicídio, a lesão corporal seguida de morte e o latrocínio.” (BRASIL, 2021, p. 08).

³⁹ Tal dado foi adquirido ao entrar em contato via e-mail com a SSP/AL, que enviou uma tabela com a lista de todos os CVLI em Maceió acerca do período citado, com recortes de bairro, idade e cor/raça.

Para além disso, ao analisar os 12 documentos de “Boletins Estatísticos de Crimes Violentos Letais Intencionais” do ano de 2021 do Estado de Alagoas (referentes a cada mês do ano) (ALAGOAS, 2021a), obteve-se uma média anual dos instrumentos (utilizado para o CVLI) e ambientes em que os CVLI ocorriam⁴⁰:



Gráfico 04 - 05

% de instrumento utilizado e local em que ocorreu o CVLI em Maceió-AL em 2021.

Fonte: Autor, 2022 (a partir de dados do SSP-AL, 2022).

Tabela 01

Ranking dos 10 bairros de Maceió-AL com maior número de CVLI entre 2012 e 2021.

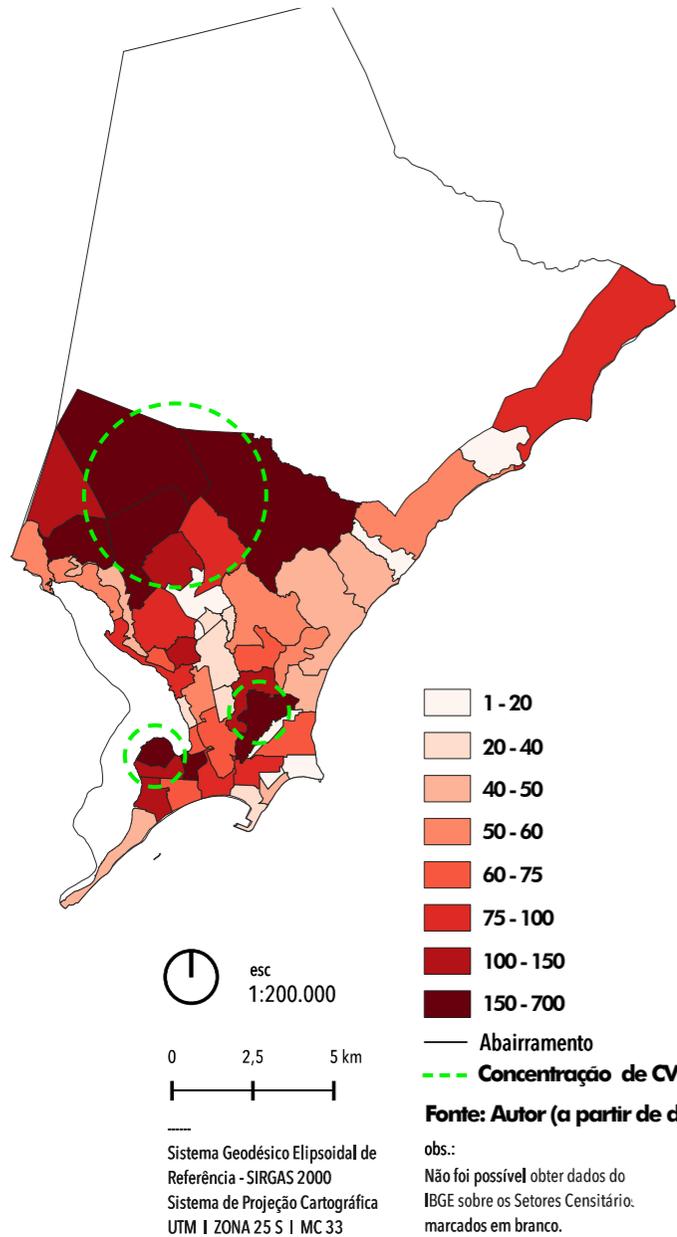
Fonte: Autor, 2022 (a partir de dados do SSP-AL, 2021).

OS 10 BAIRROS DE MACEIÓ/AL COM MAIOR NÚMERO DE CVLI			
COLOCAÇÃO	BAIRRO	QUANT. DE CVLI	% DO TOTAL
1	Benedito Bentes	677	11,85%
2	Cidade Universitária	611	10,70%
3	Jacintinho	589	10,31%
4	Tabuleiro dos Martins	389	6,81%
5	Clima Bom	342	5,99%
6	Vergel do Lago	295	5,16%
7	Levada	172	3,01%
8	Trapiche da Barra	168	2,94%
9	Santos Dumont	149	2,61%
10	Feitosa	146	2,56%

Outro dado emblemático é que somente 6 dos 50 bairros e Zona Rural de Maceió são responsáveis por pouco mais da metade do total de CVLI de todo município, cerca de 50,82%: Benedito Bentes, Cidade Universitária, Jacintinho, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom e Vergel do Lago (ver Tabela 01), todos bairros negros. Além disso, é importante apontar que os dados obtidos com a SSP/AL não indicam os responsáveis pelo CVLI

⁴⁰ No intuito de publicizar tais informações e facilitar futuros estudos segue o [link para acesso](#) das tabelas utilizadas para produção dos gráficos apresentados.

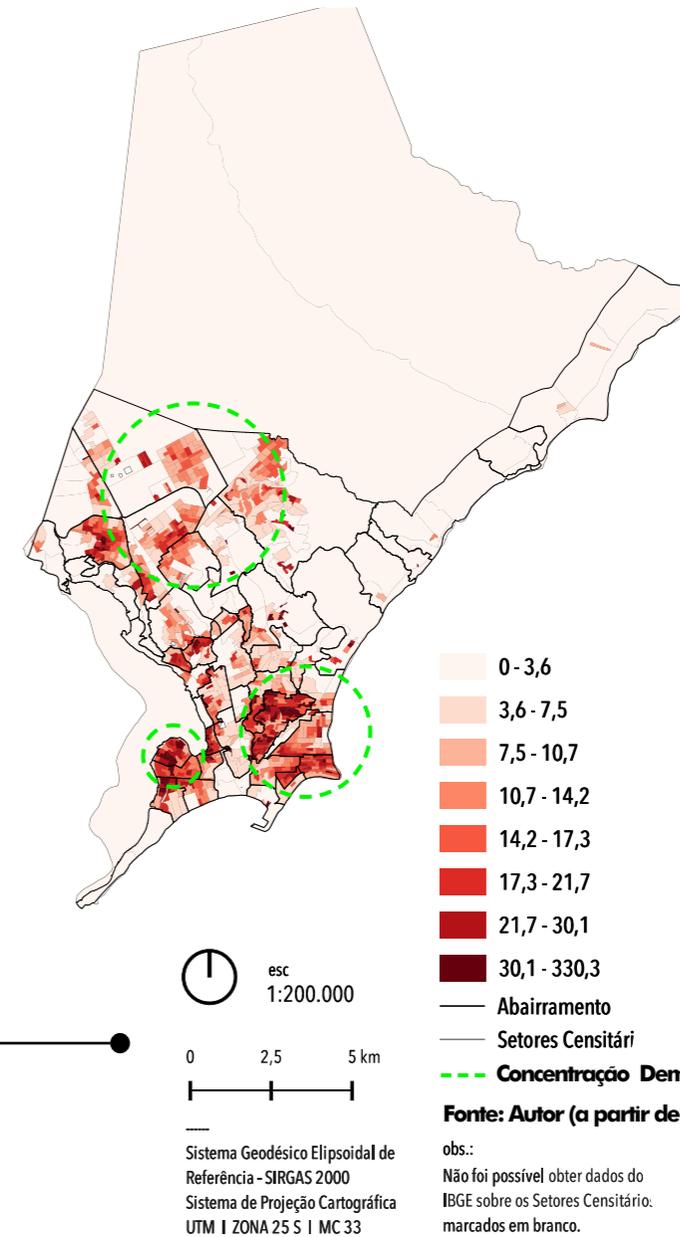
Para além do mapeamento das questões de raça e classe feitas a partir do tratamento de dados do Censo 2010, também viu-se a necessidade de territorializar a ocorrência dos CVLI em Maceió-AL, assim como a densidade demográfica, gênero e educação. Dessa forma também foram mapeadas a densidade demográfica, a presença de mulheres chefes de família e o índice de pessoas responsáveis por domicílio alfabetizadas. Tudo isso a fim de sobrepor todas essas territorializações de dados e confirmar ou não a da hipótese de que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais em bairros negros da cidade.



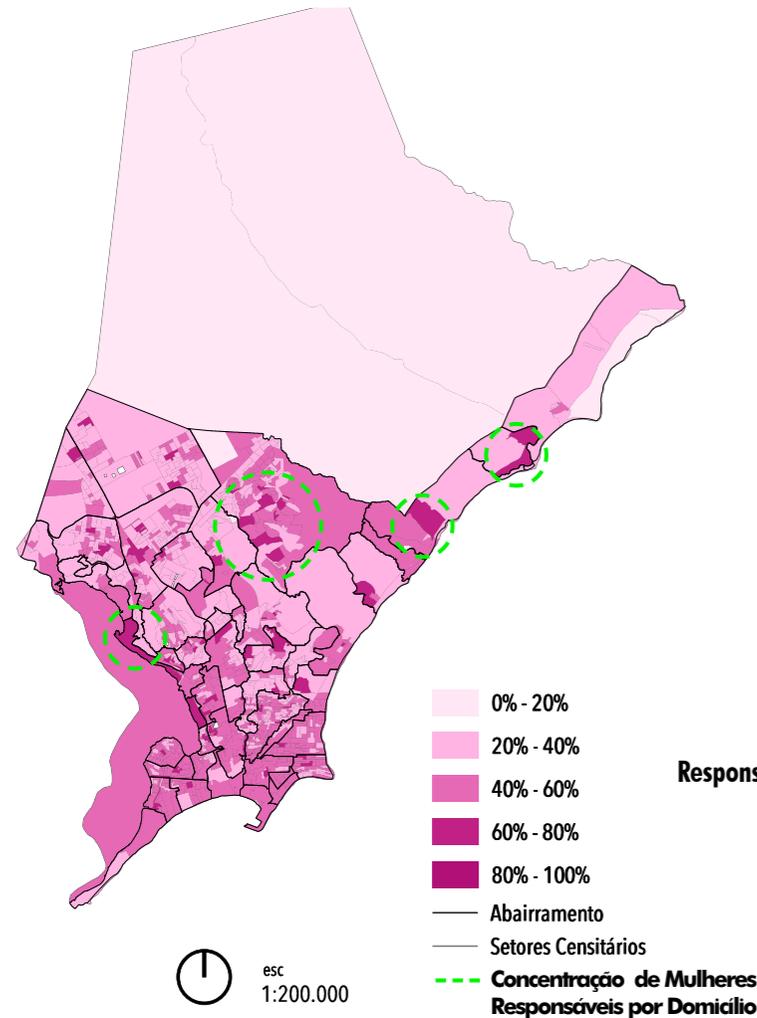
Mapa 04:
Quantidade Total de CVLI
por bairro em Maceió-AL
entre 2012 e 2021

Há uma concentração da maior quantidade de CVLI em 03 áreas: (i). na parte alta de Maceió, nos bairros Benedito Bentes, Cidade Universitária, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom, Santos Dumont e Santa Lúcia; (ii). no bairro Jacintinho; e (iii). na Orla Lagunar, ao sudoeste, nos bairros Vergel do Lago, Levada, Trapiche da Barra e Ponta Grossa.

Os setores censitários com maior densidade demográfica na cidade fazem parte de bairros com grande quantidade de CVLI, sendo elas 03 áreas: (i). na parte alta de Maceió, nos bairros Benedito Bentes, Cidade Universitária, Tabuleiro dos Martins, Clima Bom, Santos Dumont e Santa Lúcia; (ii). no bairro Jacintinho; e (iii). na Orla Lagunar, ao sudoeste, nos bairros Vergel do Lago, Levada, Trapiche da Barra e Ponta Grossa. São exceção os bairros da Orla Marítima Sudeste, Ponta da Terra, Ponta Verde, Jatiúca e Pajuçara, com alta densidade e baixa quantidade de CVLI.



Mapa 05:
Densidade Demográfica
(hab/km 2) de Maceió-AL



Mapa 06:
% de Mulheres Responsáveis por Domicílio em Maceió-AL

São poucas as áreas da cidade com uma elevada percentagem de mulheres responsáveis por domicílio e as maiores percentagens na cidade ficam entre 60% - 80%. Dentro desse número, percebe-se que mais de 60% das áreas com maior presença de mulheres responsáveis por domicílio estão inseridas em uma realidade de elevada quantidade de CVLI.

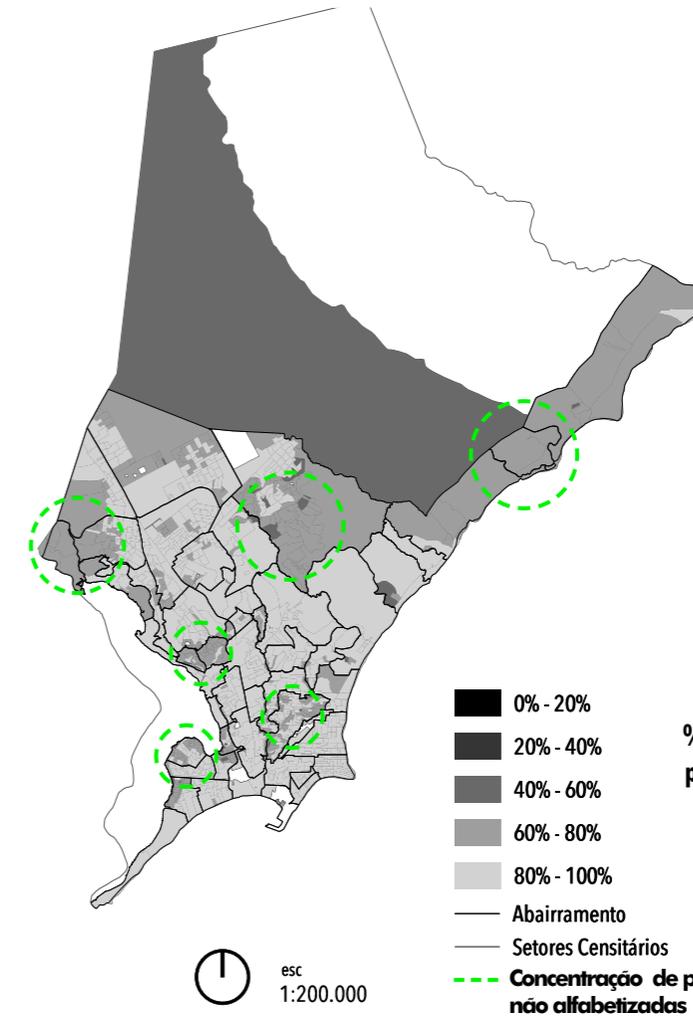
Fonte: Autor (a partir de dados do SSP-AL), 2021.

obs.: Não foi possível obter dados do IBGE sobre os Setores Censitários, marcados em branco.



esc 1:200.000

Sistema Geodésico Elipsoidal de Referência - SIRGAS 2000
Sistema de Projeção Cartográfica UTM | ZONA 25 S | MC 33



Mapa 07:
% de pessoas Responsáveis por Domicílio Alfabetizadas em Maceió-AL

A maioria dos setores censitários têm entre 80% - 100% das pessoas responsáveis por domicílio alfabetizadas. Ressalta-se, porém, que os menores índices, que estão entre 40% - 80%, se encontram nas áreas com a maior quantidade de CVLI.

Fonte: Autor (a partir de dados do IBGE), 2021.

obs.: Não foi possível obter dados do IBGE sobre os Setores Censitários, marcados em branco.



esc 1:200.000

Sistema Geodésico Elipsoidal de Referência - SIRGAS 2000
Sistema de Projeção Cartográfica UTM | ZONA 25 S | MC 33

Quanto a % de pessoas pretas e pardas, temos que a maioria dos setores censitários com mais de 60% de pessoas pretas e pardas residentes fazem parte de bairros que têm a maior quantidade de CVLI. Já os abaixo de 40%, logo com a maior presença de pessoas brancas, fazem parte dos bairros com a menor quantidade de CVLI.

E quanto ao rendimento familiar médio mensal, temos que os setores censitários com maior concentração de renda (de 5 salários mínimos para cima), área referente ao condomínio Aldebaran, localizado no bairro Jardim Petrópolis, e a Orla Marítima Sudeste, mais especificamente os bairros Ponta Verde e Jatiúca, têm baixa quantidade de CVLI. Por sua vez, os setores censitários com menor concentração de renda (1 salário mínimo ou menos) são também as áreas com maior quantidade de CVLI.

Foram sobrepostas as maiores porcentagens referentes aos itens abordados nos Mapas 02 até 07 (CVLI, raça, renda, densidade demográfica, presença de mulheres chefes de família e alfabetização), dentro disso percebe-se que há uma concentração majoritária desses itens nos bairros **Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho**, mantendo as 03 centralidades de concentração das maiores quantidades de CVLI em Maceió: Orla Lagunar Sudoeste, parte alta e Jacintinho, respectivamente (Figura 02). Em contrapartida, os bairros do Centro, Jaraguá, Jardim Petrópolis, Mangabeiras, Pajuçara, Ponta Verde e Santa Amélia apresentam baixa concentração dos itens e tem baixas quantidades de CVLI na cidade.

Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho

como as centralidades de CVLI, pessoas negras, baixa renda, elevada densidade demográfica, presença de mulheres chefes de família e baixos índices de alfabetização

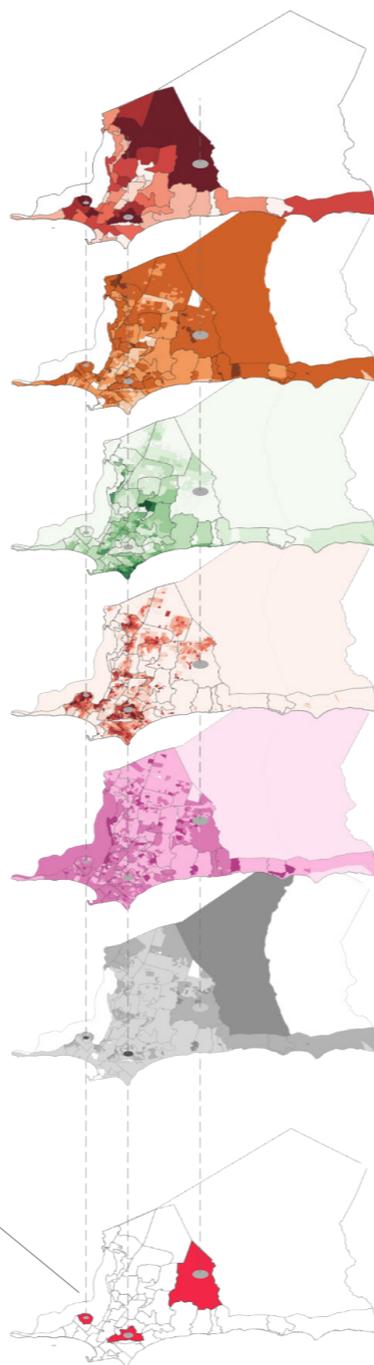


Figura 02

Sobreposição de mapas de CVLI, raça, renda, densidade demográfica, presença de mulheres chefes de família e alfabetização.

Fonte: Autor (a partir de dados do SSP/AL E e IBGE), 2022.

... para além das estatísticas

Os dados utilizados para a pesquisa são do Censo de 2010, desse modo, há uma defasagem com a atual realidade da cidade de Maceió. Acredita-se, porém, que tais análises caminhem na direção de pontuar ainda maiores impactos negativos sobre os bairros negros. “O Estado de Alagoas, segundo o censo do IBGE de 2010, contempla 114 **aglomerados subnormais** ⁴, sendo 95 destes, cerca de (83,33%), localizados na capital alagoana, Maceió.” (ALAGOAS, 2021b, p. 1, grifo nosso). Desses 95, 74 são grotas, áreas de fundos de vale que tem a função de escoamento de áreas mais altas para áreas mais baixas, em Maceió-AL há uma ocupação de favelas nessas áreas. Através de estudos do programa do Governo do Estado de Alagoas “Vida Nova nas Grotas”⁴ foi possível identificar 26 novas grotas em Maceió apenas no ano de 2018, localizadas, majoritariamente, em regiões com maior concentração de pessoas negras.

Ainda ressalta-se que ao longo da pandemia de *Covid-19* as

⁴ De acordo com o IBGE, “**Aglomerado Subnormal** é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros.” (2010, *online*, grifo nosso). Adotamos a taxação no termo **Aglomerado Subnormal** como forma de negar o seu uso na descrição de áreas da cidade tidas como irregulares, não formais: a dita não cidade, usualmente ocupadas por populações não brancas. Essa é mais uma forma do olhar de construção da outridade/marginalidade sobre tais populações, na garantia da hegemonia branca por meio do apagamento epistêmico e da naturalização de processos de inferiorização dentro de instituições públicas e aparatos legais de pessoas que fujam da norma branca.

⁴ Lançado em 2018, o programa “Vida Nova nas Grotas” é uma parceria do Governo do Estado com a Organização das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-Habitat). Ele prevê melhorias estruturais e ações de desenvolvimento econômico, social e de inclusão para as grotas de Maceió.

desigualdades presentes no Brasil fizeram com que os impactos da pandemia fossem maiores ainda sobre as populações mais pobres (e também não brancas), intensificando, assim, as desigualdades e, portanto, aumentando a concentração de pessoas em áreas de moradia precárias, como nas grotas. De acordo com a pesquisa “Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia”, da Fundação Getúlio Vargas - FGV (NERI, 2021), por exemplo, de 2019 para os três primeiros meses de 2021 o número de pessoas em situação de pobreza passou de 23,1 milhões (10,97% da população) para 34,3 milhões (16,1%), quase um terço a mais no Brasil.

Também é importante destacar que os dados acerca da violência letal no Brasil devem ser visto com cautela, como nos alertam os próprios estudos do “Atlas da Violência de 2021”, pois observa-se que há uma deterioração na qualidade dos registros oficiais, vista pelo aumento do número Mortes Violentas por Causa Indeterminada - MVCI⁴³ (aquelas em que o Estado não foi capaz de identificar a motivação do óbito). Entre 2017 e 2019 o aumento foi de 88,8% (CERQUEIRA *et al.*, 2021). Estudos mostram que essas MVCI abrigam, em média, 73,9% de óbitos por homicídios⁴⁴ não registrados como tal (CERQUEIRA, 2013), o que indica uma subnotificação absurda no número total de Mortes Violentas Intencionais. Nos últimos 5 anos, por exemplo, temos uma redução no número de taxas de homicídio, porém, ao passo que essa reduz o número de MVCI aumenta proporcionalmente (ver Gráfico 05 e 06).

Esse não é um problema generalizado no Brasil, a situação é mais

⁴³ De acordo com o Atlas da Violência de 2021 “A categoria ‘Mortes Violentas por Causa Indeterminada’ é utilizada para os casos de mortes violentas por causas externas em que não foi possível estabelecer a causa básica do óbito, ou a motivação que gerou o fato, como sendo resultante de uma lesão autoprovocada (suicídio), de um acidente (inclusive de trânsito), ou de uma agressão por terceiros ou por intervenção legal (homicídios).

⁴⁴ Homicídio, para o “Atlas da Violência de 2021” se refere “à soma de óbitos ocasionados por agressões e intervenções legais, segundo a denominação da Classificação Internacional de Doenças.” (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 12).

Gráfico 06

Brasil: Número e Taxa de Homicídios (2009 a 2019).

Fonte: CERQUEIRA *et al.*, 2021 (adaptado pelo autor, 2022).

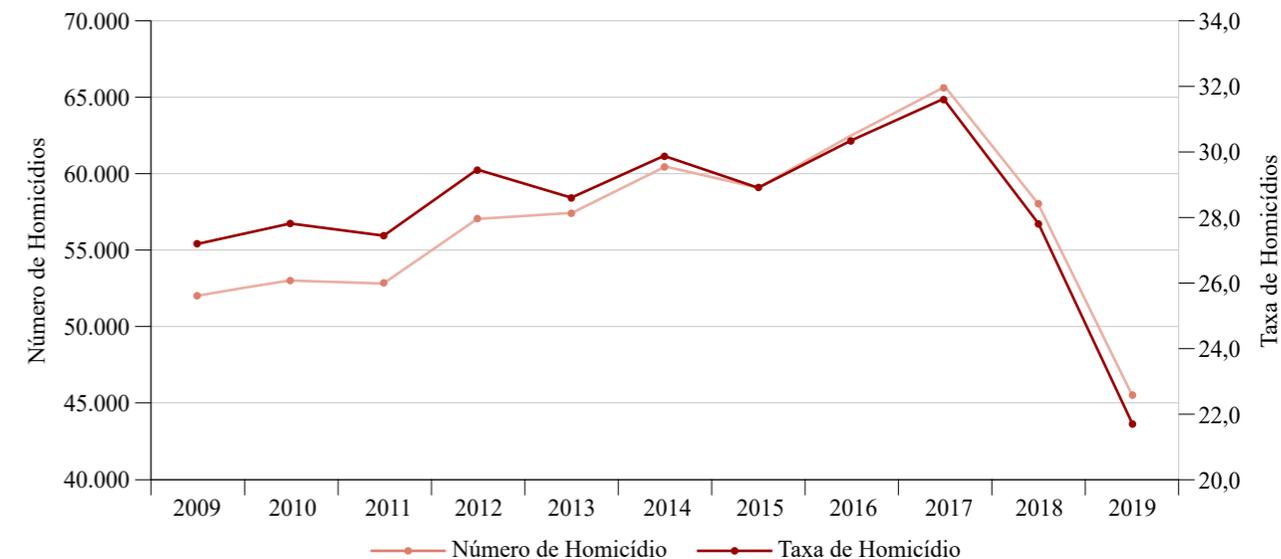
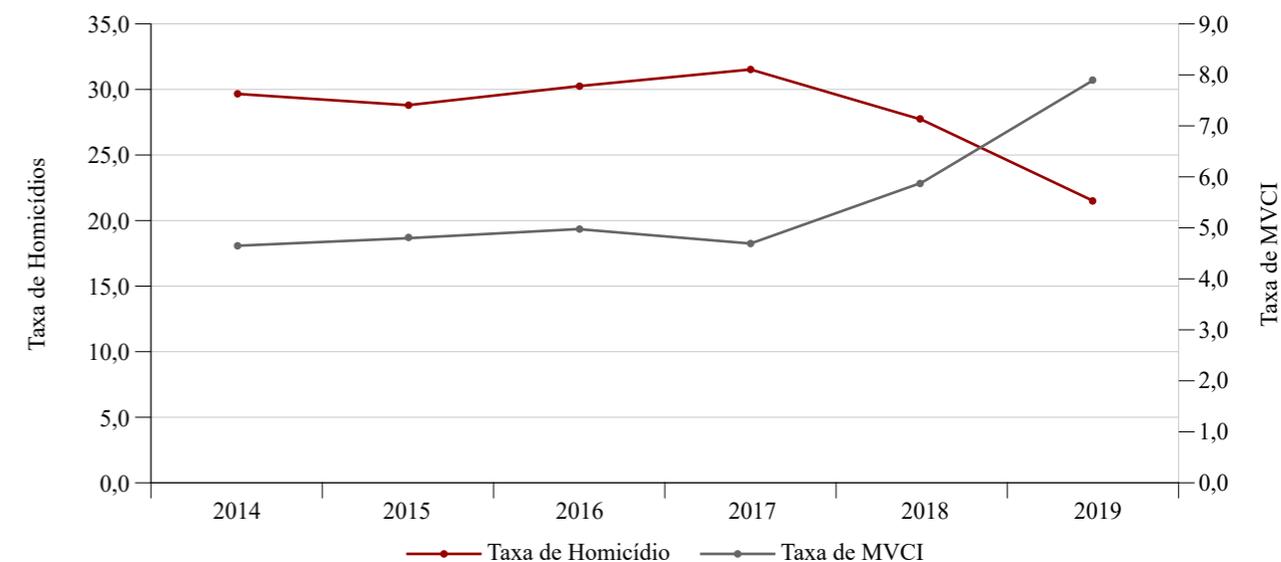


Gráfico 07

Brasil: Taxa de Homicídios e de MVCI (2014 a 2019).

Fonte: CERQUEIRA *et al.*, 2021 (adaptado pelo autor, 2022).



grave no Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará, no qual a Morte Violenta por Causa Indeterminada representa 34,2%, 19% e 14,5% das mortes por causas externas (CERQUEIRA *et al.*, 2021). Alagoas, nesse cenário, demonstra números não preocupantes quanto ao aumento de Mortes Violentas por Causa Indeterminada. Tal contexto não invalida os estudos do “Atlas da Violência”, mas demonstra a redução da precisa dimensão do que se enfrenta e acende um alerta dos consideráveis riscos na produção das estatísticas sobre violência letal. Segundo o próprio “Atlas da Violência de 2021” (CERQUEIRA *et al.*, 2021) quatro atuais conjunturas sociais são um problema para isso: (i). a política permissiva do Governo Bolsonaro quanto à posse de armas de fogo e munição, desde 2019, facilitando crimes interpessoais, passionais e organização de criminosos, que perdura por um longo prazo, afinal, as armas ficarão em circulação e condições de uso por bastante tempo na sociedade; (ii). a violência no campo contra indígenas, sem-terra, assentamentos e lideranças agrárias; (iii). o “[...] uso da violência por policiais, conjugada à ausência de mecanismos institucionais de controle quanto aos padrões institucionais do uso da força, o que propicia não apenas a vitimização de civis, mas também de policiais.” (CERQUEIRA *et al.*, 2021, p. 14); e (iv). a politização de instituições públicas de segurança, em especial Polícia Militar, o que coloca em risco a própria ideia de democracia.

É prestando atenção nos últimos dois pontos das atuais conjuntura sociais que aqui trazemos problematizações acerca da atuação da polícia que se rebate na produção, uso e percepção do espaço urbano das cidades. O primeiro, conforme Vilma Reis, é que a polícia se orienta em três elementos básicos:

[...]. Primeiro, um **racismo institucional** que, por consequência, permite uma atuação policial de suspeição baseada no **filtro racial**, segundo elemento, sendo que este não tem importância na agenda política do poder executivo, pelo fato dessa atuação recorrer a um terceiro elemento da cultura policial conservadora, que é a **‘cegueira racial’**, representada em uma forma de atuação que se esconde atrás do discurso ‘técnico’ de

que a maior ocorrência de abusos, brutalidade policial e outras manifestações que se configuram em violações de direitos são verificados, com maior frequência, contra a população negra, tenta-se explicar a violência direcionada à população negra pelo fato de esse segmento constituir a maioria [populacional] da cidade, e não por uma orientação deliberada de criminalizá-la. (2005, p. 15, grifo [NOSSO](#))

É preciso então apontar o papel da Polícia como mais um aparato legal e institucional não neutro, dominado pela figura da branca e de papel fundamental na (re)produção de opressões (de raça, gênero, renda, religião e outras) e, assim, na garantia de desigualdades sociais e da hegemonia branca. Segundo Juliana Borges⁴⁵, em seu livro *Encarceramento em Massa* (2019), é importante destacar que nas relações do racismo estrutural, a justiça criminal ganha contornos especiais em comparação a demais instituições, pois já surge como um mecanismo ativo de repressão e vigilância de determinados grupos, servindo como uma forma de ordenamento social direta que se remodela historicamente através das hierarquias raciais.

O filtramento racial que marca a atuação policial remete e recorre a construção da imagem colonial da pessoa negra, principalmente do homem negro, como violenta, selvagem, raivosa e sexualmente mais agressiva. Vilma Reis (2005) também escreve que os estudos sobre violência evidenciam que o tráfico de drogas e outras atividades criminosas disputam



⁴⁵ Juliana Borges é escritora e pesquisadora em Antropologia Social na FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), na qual pesquisa sobre política criminal e relações raciais. Co-fundadora da Articulação Interamericana de Mulheres Negras na Justiça Criminal – Núcleo Brasil, consultora do Núcleo de Enfrentamento, monitoramento e memória de combate à violência da OAB-SP e conselheira da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas. Além de autora do livro “Encarceramento em massa” (2019) e “Prisões: espelhos de nós” (2020). Também foi secretária adjunta de políticas para as mulheres e assessora especial da Secretaria do Governo Municipal da Prefeitura de São Paulo.

a contribuição da população negra, masculina, jovem e pobre que se vê frente a impossibilidade de promover sua inserção na sociedade: tanto pela ausência ou não funcionamento de políticas públicas de inserção social, a exemplo de programas de viabilização de primeiro emprego, quanto pela falta de infraestrutura básica de saúde, educação, lazer e moradia, conforme Mayara de Paula (2019). Nessa naturalização da figura violenta do homem negro e de que esses fazem parte do crime organizado que as forças policiais tem uma espécie de “aval social” para eliminá-los, cumprindo o “dever de se livrar de incômodos” à sociedade branca (REIS, 2005). Sendo, portanto, a polícia, figuras que remetem a sua militarização (armas, símbolos de caveiras e facas) e políticas de aumento da punição (redução da maioridade penal, por exemplo) tratadas como heróicas, pois estão “salvando” os ditos “cidadãos de bem” e suas propriedades, enquanto na verdade só garantem a hegemonia dessa branquitude.

A violência, assim, atinge de forma racialmente desigual a população civil. Nos dados que trabalhamos no subcapítulo anterior vimos que dentre as pessoas vítimas de CVLI, homens, negros, jovens, pobres, com baixa escolaridade e moradores de bairros negros são os que mais são atingidos. Se fizermos um rápido cálculo da quantidade total de Crimes Violentos Letais Intencionais (5.712) referentes apenas a pessoas pretas e pardas (83,3%, o que seriam 4.759 CVLI) ocorridos em Maceió-AL, temos que entre 2012 até novembro de 2021 uma pessoa negra é assassinada violentamente a cada 18 horas só no município maceioense. Para fortalecer a visibilidade da situação Vilma Reis (2005) traz o conceito de jovens-homens-negros para tratar de quem mais a violência letal urbana afeta, reforçando as dimensões identitárias e interseccionais, de raça, gênero e geração. Dessa forma, passaremos a adotar tal termo ao longo do resto deste TFG.

Dentre as pessoas negras, portanto, os jovens-homens-negros são os mais impactados e sendo ainda os alvos preferenciais das políticas de segurança

pública⁴⁶ punitiva, ao passo que são vistos mais como personagens principais de produção da violência e menos como pessoas vitimizadas. Tal situação estimulada por essa repressão policial e da justiça criminal como um todo tem um impacto territorial, tanto na percepção cidadina negativa do espaço urbano dos bairros negros, tratadas como lugares de medo e insegurança, afetando assim na sua produção, como também na produção arquitetônica edificada dessas áreas e dos bairros brancos, que na tentativa de se proteger utilizam de grades, muros altos e equipamentos de segurança nas fachadas e acessos a casas e edifícios, por conta do medo instaurado pela insegurança.

uma pessoa negra é assassinada na cidade de Maceió-AL a cada 18 horas

**e dentre as pessoas negras
assassinadas, os mais afetados são
jovens-homens-negros, de baixa
renda, escolarização e moradores
de bairros negros**

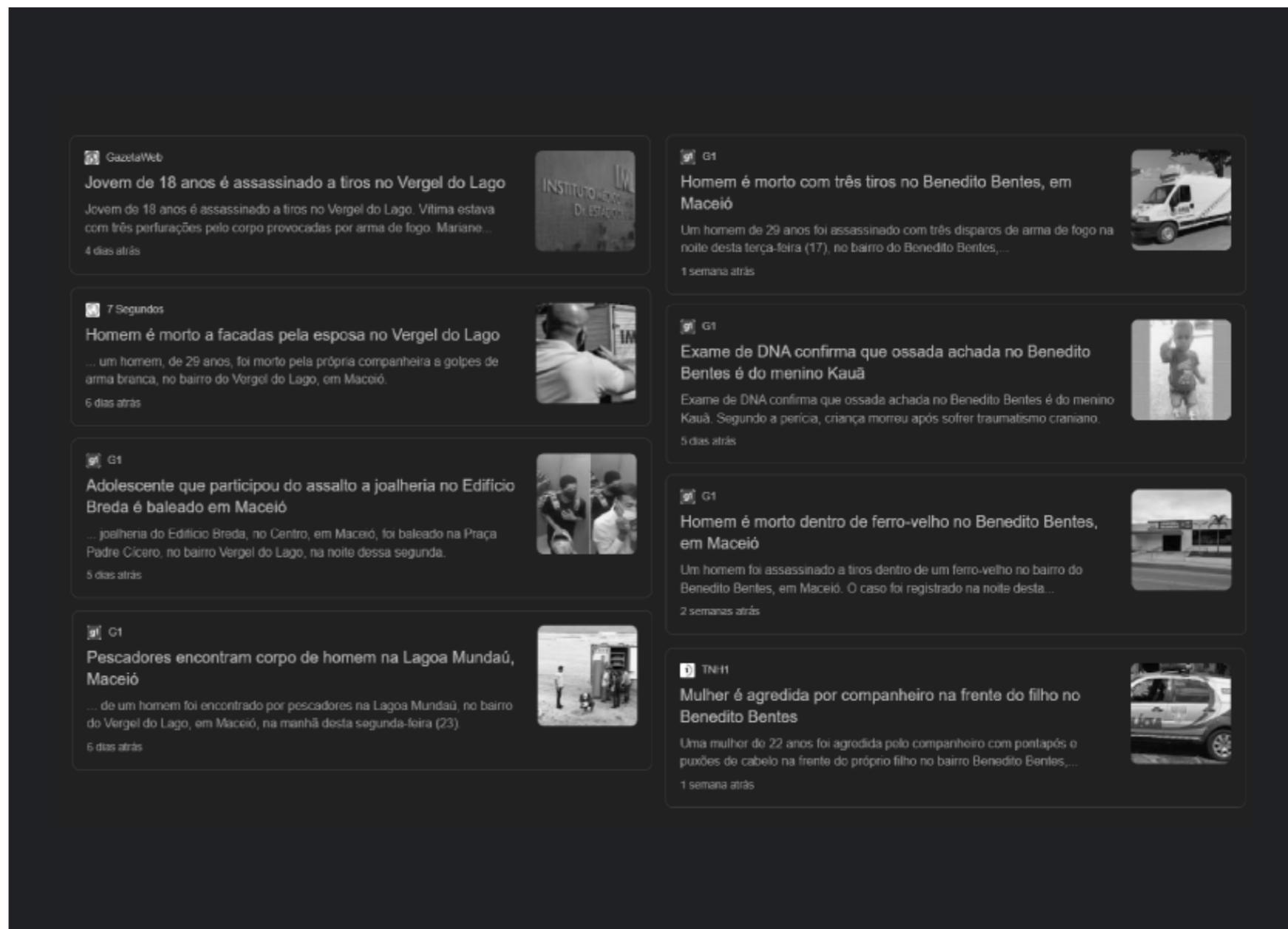
Os estigmas que carregam os moradores [...] [de bairros negros] ajudam a transformar essa parte da cidade em lugar de ‘medo e desassossego’ [...], assim, as grades que ‘decoram as portas e as janelas das casas’, dando a semelhança de casa-prisão, dão o triste testemunho da realidade vivida pela maioria da população. [...] os jovens que lá vivem não têm muitos laços com o mundo de fora; eles têm medo quando estão em contato com o mundo que os marginaliza, e não têm os caminhos de infância que a maioria das outras crianças e jovens criam [...], o que facilita o acesso ao emprego, aos relacionamentos afetivos e à vida [...]. Esse isolamento social [e territorial], imposto aos ‘proscritos da cidade’, motivado por raça e classe, quebra a possibilidade de comunicação dentro da cidade, fazendo surgir uma segregação entre jovens negros e brancos, que tem sérios efeitos na vida da cidade. [...] todas as esferas da vida estão codificadas pela cor, onde as pessoas negras aprendem desde muito cedo, a conviver com o estigma de possuir um capital simbólico negativo. Os jovens dos bairros populares quando dizem o seu nome e endereço correm sérios riscos de

⁴⁶ “Segurança pública é entendida nesta pesquisa como o conjunto de ações elaboradas e aplicadas pelo Estado, instância legalmente constituída, que detém o monopólio da força, garantidora da segurança pública, através do controle do aparelho policial, e que tem como finalidade proteger a vida.” (REIS, 2005, p. 63).

perder a chance de conseguir uma vaga para trabalhar, de estabelecer um laço afetivo [...] (REIS, 2005, p. 132, grifo nosso)

Ou seja, os impactos desse imaginário social criado pelos fatores de medo e insegurança dos bairros negros, que são tratados como inerentes a eles, por questões de racismo (motivadas pelo combate a essa violência, exemplificados e motivados, na guerra às drogas e/ou no crime organizado), só reforçam que essas áreas e as pessoas negras devem, mais ainda, ser reprimidas e vigiadas pela justiça criminal, no qual a morte, por muitas vezes, é vista como solução e os joven-homens-negros utilizam do isolamento territorial como uma maneira de defesa contra isso. “[Nos bairros negros, então,] a permissão social se alia ao descaso e à perpetuação de estereótipos, estigmas e a violência física e simbólica que mata pessoas negras e pobres [...]” (BERTH, 2019, *online*).

O Estado, visto na polícia, surge então como um agente produtor do espaço urbano que define e congela a percepção social dos bairros negros. Nesse mesmo sentido, a mídia também pode ser retratada como outro agente de produção de uma imagem de cidade violenta a partir de narrativas sensacionalistas e racistas: ela desempenha o papel de divulgar as ações policiais e legitimar a esfera de medo e insegurança dos bairros negros e da percepção da imagem colonial dos jovens-homens-negros como violentos, agressivos e que, desse modo, precisam ser controlados, por vezes mortos. Ao consultar o nome dos bairros negros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho, identificados anteriormente como mais vulneráveis quanto aos CVLI sobre a população negra, na plataforma de pesquisa *Google*, por exemplo, é possível identificar infinitas notícias da mídia de imagens de crimes, homicídios, assassinatos, ações policiais, apreensões de drogas e armas, descobrimento de corpos desovados, tiroteios, casos de feminicídio e diversos outros acontecimentos similares, no qual o corpo de jovens-homens-



Colagem 05

Colagem de notícias sobre os bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho. Fonte: Autor (a partir de dados do Google), 2021.



Colagem 05

Colagem de notícias sobre os bairros Verdel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho.
Fonte: Autor (a partir de dados do Google), 2021.

negros mortos, estirados no chão e sangrando sempre estampam as capas⁴⁷ (ver Colagem 05).

Além da atuação direta da polícia nas cidades, outro ponto a ser destacado é quanto ao papel policial na construção dos dados de base da produção das estatísticas sobre violência letal urbana. De acordo com Thiago Costa⁴⁸ “Dados em Segurança Pública são frágeis no Brasil, produzidos por pessoas e finalidades específicas, uns visíveis e outros invisibilizados por questões político-ideológicas” (2021, p. 26). As estatísticas acerca das mortes por violência letal urbana se originam nos documentos de boletins de ocorrência, também conhecidos como B.O., que são produzidos pelas Polícia Civil e Militar. Nos B.O. constam dados acerca da data, hora, cor de pele, idade, sexo (ou melhor colocando gênero, que é dividida numa categoria binária de classificação: masculino ou feminino), subjetividade complementar (como ocorreu a morte, se foi resultado de feminicídio, roubo com resultado em morte, resistência com resultado em morte, LGBTfobia), tipo de morte (se por espancamento, arma de fogo, arma branca), cidade, bairro e local da ocorrência do crime (se foi na Casa ou Imediações, Via ou Locais Públicos ou Locais Ermos), além da descrição de como ocorreu. À Polícia, portanto, é reservado o direito de narrar como ocorreu o crime e definir quem é criminoso.

Os chamados ‘Autos de Resistência à Prisão’[, categoria de morte que descreve morte proveniente de resistência

⁴⁷ O portal de notícias “Alagoas 24 horas”, por exemplo, mantém uma [página de contabilização de homicídios no Estado de Alagoas](#), separando as mortes por calendário e reportagens (2022).

⁴⁸ Thiago Costa é um homem branco e doutorando em Urbanismo e Segurança Pública pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2021). Tem formação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2018) e graduação em Curso de Formação de Oficiais Policiais Militares pela Academia Policial Militar do Guatupê - CFO/APMG (2009).



por parte do criminoso/pessoa abordada pela polícia e que atualmente passou a ser denominada ‘Resistência com resultado em morte’], assim como o ato ilegal de ‘Prisão para Averiguação’, constituem, para peritos, médicos legistas e, principalmente, para os policiais civis as provas para o encaminhamento dos processos, facilitando os caminhos para a investigação das mortes violentas. [...] é preciso ter muito cuidado com essas ‘provas’, pois parte considerável delas vêm de territórios violados da investigação. O uso pela polícia, especialmente a Polícia Civil, do termo ‘Auto de Resistência à Prisão’ tem sido uma senha de legitimação de assassinatos, cometidos em geral por policiais de todas as polícias, seguindo como argumento legal na Guia Policial, primeiro documento da polícia liberado por um delegado, que permite retirar o corpo do local do crime e conduzi-lo para o IML [Instituto Médico Legal].

[...] os policiais levam o corpo e conseguem que um delegado conceda a Guia que, em geral, só tem a sua assinatura. Os detalhes são preenchidos pelos policiais envolvidos na operação que, mediante uma situação de ‘confronto’, em geral, resulta na morte ou ferimento grave de um civil. Este documento tem servido como uma espécie de habeas corpus prévio para os policiais (LEMOS-NELSON, 2002).

Se os locais das ocorrências não fossem sumariamente alterados, adulterados, assegurando principalmente a posição em que as vítimas têm sido mortas nestes ‘confrontos’ entre policiais e civis, nos exames de balísticas, observando os locais afetados pelos tiros, seria imediata a confirmação de que muitas das vítimas têm morrido sem qualquer chance de defesa. [...].

[...] a polícia no Brasil atira para matar, pois ela atinge em geral as regiões mortais do corpo da vítima, não deixando qualquer chance de sobrevivência, por isso o autor qualifica essa ação da polícia como guerreira, o mesmo entendimento que tem Mir (2004) de ser a polícia brasileira uma das que mais matam no mundo. (REIS, 2005, p. 150-151, grifo nosso)

Na música “Diário de um Detento” do álbum “Sobrevivendo no Inferno” a figura da polícia é retratada como um “sanguinário vigia”, uma forma de controle e domínio violenta: “[...]. Aqui estou, mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia. [...]” (SOBREVIVENDO, 1997, *online*). [As abordagens militarizadas e violentas em bairros negros da cidade](#), motivadas pelo combate às drogas e/ou ao crime organizado, ocasionalmente resultam em morte. E os meios legais de registro e investigação são também, por vezes, utilizados para dar a entender que houve resistência e agressividade por parte da pessoa abordada e por isso utilizou-se de força e retaliação (REIS, 2005), resultando em homicídio tipificado como “Resistência com Resultado em Morte”, sendo que na verdade a pessoa estava apenas de passagem para sua casa, indo comprar um pão, retornando do trabalho e foi violentamente abordada⁴⁹.

Outra questão, por exemplo, são as subnotificações das mortes violentas por algum tipo de opressão social, como é o caso de assassinatos por

⁴⁹ Em Maceió/AL, no começo de 2022, temos o caso do gari Walquides, morador da Vila Emater, assentamento precário formado ao lado do antigo lixão de Maceió. O gari foi baleado com dois tiros nas costas quando estava voltando do trabalho durante uma ação policial, ao ser confundido com um traficante. Após a ocorrência foi encaminhado ao Hospital Geral do Estado, no qual ficou algemado acusado de tráfico de drogas e tentativa de homicídio e com as chances de ficar paraplégico. “Um dia após a ação da polícia, foi aberto um processo contra Walquides de tráfico de drogas. No auto de prisão, consta a ordem judicial para que ‘a autoridade policial destrua as drogas apreendidas, guardando as amostras necessárias à realização do Laudo Definitivo, bem como remeta a arma de fogo e as munições apreendidas ao Instituto de Criminalística para elaboração de Laudo Pericial’. ‘Os policiais militares da Rocam estão me ameaçando, eu e os meus irmãos. Sabem que fizeram coisa errada e agora querem nos calar’, afirmou.” (FARIAS, 2022, *online*, grifo nosso).

LGBTfobia, usualmente não identificados como tal⁵⁰. Por não ir de acordo as regras da hegemonia branca à uma naturalização da violência contra transexuais e travestis, como coloca Jéssica Tavares⁵¹:

Qual é a explicação que a gente tem na dimensão política para que as transexuais e travestis sejam assassinadas em vias públicas? [...] Não é escondido que os crimes de transfobia acontecem. Eles acontecem porque eles passam uma mensagem [...]: como as cidades instituem e reproduzem opções, e como a resistência se organiza

⁵⁰ Durante 40 anos, o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga informações sobre mortes violentas da comunidade LGBT+ através do Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil, por meio do monitoramento de notícias jornalísticas. Segundo o Relatório de 2019 (2019), de 26 em 26 horas morre um LGBT+ de assassinato ou suicídio vítima da LGBTfobia no Brasil, colocando o país como um dos líderes mundiais na violência contra minorias sexuais. “Somos os primeiros a reconhecer a subnotificação desta compilação, pois a mídia está longe de noticiar a totalidade dos casos, quer por ignorar a identidade de gênero ou orientação sexual das vítimas, quer devido às lacunas dos registros policiais que impossibilitam ao olhar não especializado identificar as características subjacentes aos crimes de ódio, mesmo porque a violência contra a população LGBT+ é multiforme e, sem instrumentos precisos para seu monitoramento, especialmente devido ao desinteresse das autoridades estatais em promover a cidadania dessas pessoas. A subnotificação de mortes violentas de LGBT+ no Brasil constitui um obstáculo ao verdadeiro e cruelíssimo dimensionamento dessa tragédia social, impedindo a construção de políticas públicas de enfrentamento e, o mais importante, erradicar a cultura da impunidade. Essa é a realidade vivenciada na seara penal, quando se observa o baixíssimo número de homicídios elucidados face daqueles esquecidos devido a graves falhas nas investigações por falta de pessoal capacitado e infraestrutura pericial, quando não por explícita ou disfarçada homotransfobia das forças da ordem.” (OLIVEIRA; MOTT, 2019, p. 21-22).

⁵¹ Jessica Tavares é graduada em Ciências e Humanidades e em Políticas Públicas pela Universidade Federal do ABC, 2016 e 2017, respectivamente, e pesquisadora do Instituto Pólis. A citação da autora advém da live promovida pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, em junho de 2020, intitulada “(R)existência da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à cidade”.



inclusive a partir da ocupação do espaço público, a partir da viabilização da sua existência na cidade [...] (R)EXISTÊNCIA..., 2020, online).

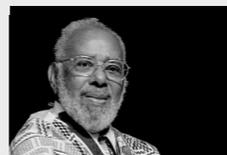
Como nos mostra Vilma Reis (2005), por vezes, o papel da polícia como instituição da justiça criminal se mostra como um aparato tecnológico legal de opressão, vigilância e violência contra a população negra. Essa situação demonstra que os dados e estatísticas sobre violência urbana letal devem ser vistos com mais afincamento e cautela, não que sejam inválidos, muito pelo contrário, apenas que, a estatística pela estatística, sem uma leitura narrativa e racializada de sua construção não nos diz tudo. No caso de Alagoas e de sua capital, Maceió, ao tratar sobre a queda dos dados quanto ao número de homicídios de 2013 para cá (SIQUEIRA; CARVALHO, 2022, online), já estando anteriormente o estado e o município em posições de liderança em rankings nacionais e mundiais, é preciso realizar alguns questionamentos de como essa redução ocorreu, para assim poder pensar e ir para além das estatísticas, afinal há uma grande vulnerabilização da população negra.

Toda essa conjuntura nos leva, mais uma vez, a reforçar a produção da imagem de violência, medo e insegurança nos bairros negros, nos jovens-homens-negros e na percepção territorial desses pela população como um todo. Como questiona, Joice Berth (2019): porque a polícia não se comporta da mesma forma em bairros brancos? Porque casos de chacina sempre ocorrem em bairros negros? Compartilhando da mesma ideia, Vilma Reis destaca que enquanto à população negra, em especial aos jovens-homens-negros, é reservada à repressão policial, a violência e à morte, a “[...] juventude branca é celebrada como símbolo de sucesso e futuro [...]” (2005, p. 57).

A partir das análises das estatísticas e das reflexões feitas após elas podemos confirmar a hipótese levantada no início deste trabalho de que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais em bairros negros da cidade de Maceió-AL. O genocídio do povo negro brasileiro é um

projeto, tal qual diria Abdias do Nascimento⁵² (1978). Esse projeto impacta e envolve diversas esferas, dentre elas a territorial: os jovens-homens-negros, vistos sempre como uma ameaça, os faz estarem isolados territorialmente nos bairros negros, como uma forma de defesa e preservação, o que afeta diretamente sua inserção social, cultural e produção afetiva de vínculos; essa visão de ameaça também produz uma imagem de medo e insegurança sob bairros negros, que, por sua vez, se reverbera na produção física dos espaços urbanos, através do estímulo dos processos de marginalização e isolamento territorial, e na construção dos espaços edificadas, caracterizados pelas grades e diversas barreiras para prover algum tipo de segurança.

⁵² Abdias do Nascimento foi um poeta, ator, dramaturgo, escritor, artista plástico, professor universitário, político e ativista/militante da causa negra e dos direitos civis. De origem do interior de São Paulo, Abdias nasceu em 1914, neto de africanos escravizados, formou-se em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atuou ativamente na política brasileira sendo Deputado Federal e Senador. Ele inclusive participou na fundação do MNU em São Paulo e na disseminação de seus núcleos em demais estados do Brasil. Foi agraciado com diversos congratulações durante sua carreira, com destaque para o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e pela Universidade Federal da Bahia (2000) e recebeu durante o Governo Luiz Inácio Lula da Silva, a Ordem do Rio Branco, o grau de Comendador, maior honraria outorgada pelo governo brasileiro. Ele chegou a receber uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2010 pelo seu trabalho em defesa dos direitos humanos da população afrodescendente.



Viver em Alagoas é perigoso? É. Lá o verbo viver se conjuga com morrer. Era o que confirmava o jornalista Zito Cabral, profundo conhecedor dos emaranhados do Sindicato do Crime, isento e respeitado no seu trabalho profissional. Em um rápido passeio pelo centro de Maceió, sempre apinhado de gente, à medida que avançamos pelas ruas, Zito enumera, como cicerone da morte:

- Aqui foi assassinado o advogado Antenor Cláudio da Costa. Ali, na calçada do Cine Art, foi a vez de Edgar da Costa. Teve outro, o Joel Marques, morto nas escadarias da Primeira Delegacia Policial. E ali adiante, o motorista Perreti foi assassinado pelo jornalista Mário Brandão. Houve também os casos de Policarpo Pinho Filho, de João Cardoso, do promotor Mário Vieira, dos Mendes, do ex-prefeito de Mata Grande e de muitos, muitos outros...

Caminhando lentamente pela principal rua de Maceió, Zito Cabral vai lembrando de outros crimes:

- Só aí nesse bar que você está vendo, o Bar do Chope, já teve umas dez mortes. A última faz poucos dias, quando um policial, o Aguiar, morreu em um tiroteio. Caiu ali, tentando se agarrar à mesa do bar.

Zito anda mais alguns metros. E desabafa:

- Quer saber de uma coisa? Se você colocar uma cruz no local de cada crime ocorrido no centro da cidade, ninguém caminha.

E faz uma pausa prolongada:

- Vira cemitério!

Trecho do livro *Curral da Morte* de Jorge Oliveira (2010, p. 23-24)⁵³

⁵³ O livro *Curral da Morte*, escrito por Jorge de Oliveira, jornalista e cineasta, retrata o episódio do impeachment do ex-governador de Alagoas Muniz Falcão, em 1957. No qual se descreve como um dos episódios mais sangrentos da história política brasileira, que contudo não é muito falado: 35 deputados entrincheiravam-se na Assembleia Legislativa e em menos de minutos mais de mil tiros de revólver e metralhadora foram disparados. Várias pessoas foram feridas e um deputado morto, dando início ao contínuo enfrentamento entre famílias da elite da política alagoana e se alongando por mais de trinta anos. (OLIVEIRA, 2010).

Desnaturalizar a imagem dos jovens-homens-negros e dos bairros negros “[...] representados pela polícia e por parte considerável da sociedade como protagonistas naturais da violência urbana, de alto padrão letal, [...]” (REIS, 2005, p. 228), portanto, deve ser uma tarefa central como resposta a essa violência. No campo da Arquitetura e Urbanismo, pensar em perspectivas de futuro, presente e passado, de outras realidades e ficções através da ótica da negritude é uma saída. Imaginar essas outras possibilidades e expectativas é afirmar que as pessoas negras não só sobrevivem ao presente, mas também criam suas próprias formas de viver. Afinal, a sobrevivência não é a história única da população negra. E esse é o “perigo da história única”, como nos alerta Chimamanda Adichie⁵⁵: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” (2018, p.12). Adichie, então, ressalta: **“As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.** Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (2018, p. 16, grifo nosso).

O que vivemos hoje é resultado da fragilidade de uma sociedade, de um Estado que constrói instituições que tratam o racismo mas que não combatem os elementos que dão forma e figura para o racismo. O racismo é discursivo, funciona por meio de discurso e imagens, constrói uma associação entre imagens e palavras, e constitui algo perigoso: aquilo que é ilógico. Racismo é ilógico, torna um discurso ilógico como credível, mas por meio de associações se tornam verdadeiras. Por isso as imagens

⁵⁵ Chimamanda Adichie é uma escritora nigeriana, reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas da atualidade com sucesso na atração de leitores para literatura africana e autora de duas das conferências *TED Talk* mais vistas de todos os tempos: “[O perigo da história única](#)” (2009) e “[Todos devemos ser feministas](#)” (2012).



têm peso tão importante. Trabalhamos com o imaginário. É preciso disputar o simbólico. E a arquitetura não pode permanecer inerte. (SILVA, 2020, p. 62).

A citação de André Silva⁵⁶ (2020), em seu Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, “Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim: ensaios antirracista para a Arquitetura” (2020), nos mostra que o racismo estrutural opera em esferas subjetivas e simbólicas do dia-a-dia. Consequentemente a atuação dentro do simbólico pede que a Arquitetura⁵⁷ enquanto campo acadêmico e prático de possibilidade de alteração das estruturas físicas e imaginárias se posicione. Como então pensar sobre outras histórias que não sejam sobre Crime Violento Letal Intencional acerca dos bairros negros de Maceió a partir da Arquitetura? De acordo com Thalita Melo⁵⁸ e Maria Angélica Silva⁵⁹ (2022), para grupos colocados à margem da

⁵⁶ André Luis de Oliveira Silva é Arquiteto, Urbanista e Paisagista formado pela Universidade de São Paulo em 2020, no qual se formou com o seu Trabalho Final de Graduação, “[Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim: Ensaio antirracista para a Arquitetura](#)”, no qual desenvolve um lindo trabalho acadêmico, artístico e militante acerca do papel da arquitetura frente aos estudos decoloniais e ao racismo.

⁵⁷ Tratada aqui como uma coletânea dos demais campos e atuações que abrange: Urbanismo, Paisagismo, prática projetual, o edificado, entre outros.

⁵⁸ Thalita Melo é psicóloga e doutoranda em Cidades pela Universidade Federal de Alagoas desde 2018. Tem experiência na área de Psicologia Social, atuando principalmente nos temas: cidades, comunidades, políticas públicas, direitos humanos, instituições.



⁵⁹ Maria Angélica é Arquiteta e Urbanista, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisadora CNPq e coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem desde 1998. Com experiência nos temas da história da paisagem, do urbanismo e da arquitetura; iconografia, arquitetura moderna e contemporânea; patrimônio e design de produtos culturais.



sociedade em que impera a hegemonia branca, a reconstrução do imaginário e das representações de si, da quebra da autoimagem negativa construída pelo olhar da colonialidade é fundamental para tanto. Nesse sentido, buscamos aqui a construção de outras histórias, pois “[...] quando reiteramos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, **reavemos uma espécie de paraíso.**” (ADICHIE, 2018, p. 17, grifo nosso).

O conceito de Afrofuturismo aborda bem tal cenário: a necessidade de fabular e imaginar mundos outros por meio da ficção no qual a negritude seja a baliza de narrativa de um futuro negro. Segundo Kênia Freitas⁶⁰ (2015), enquanto população negra, nós vivemos num duplo trauma: o do passado de escravidão e o do presente de perseguição dada pela violência estatal. Traumas esses individuais, coletivos e correlacionados. É dessa forma que trazemos aqui a perspectiva do afrofuturismo: ela parte de uma premissa de que nossa história negro-africana é apagada devido aos processos de diáspora e violência em que vivemos, assim, temos uma história fragmentada, como pedaços das narrativas que não foram apagadas pelos processos coloniais. Então, precisamos nos dar conta e empoderar desses traumas e para através deles criar e resgatar outras possibilidades históricas. Esse seria o Afrofuturismo, conforme Kênia Freitas (2015), um movimento estético e político multidisciplinar, que parte da narrativa especulativa e fantástica para recuperação e criação de novas concepções de passado, presente e futuro, que se dá através da escrita da ficção científica, da música, do cinema, sendo exemplos bastante conhecidos os filmes “[Pantera Negra](#)”, da Marvel, e “[Black is King](#)”, da cantora Beyoncé.

É importante, contudo, afirmar que não estamos querendo negar

⁶⁰ Kênia Freitas é uma mulher negra pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília, além de crítica e curadora de cinema, com pesquisas e produções acadêmicas voltadas para Afrofuturismo e o Cinema Negro.



o presente, apenas pensar em futuros utópicos no qual a população negra viva plenamente. Se atravessarmos os horrores impostos pelo processo de colonização podemos afirmar que a distopia para africanos e pessoas que vivem em diáspora por conta do colonialismo já é uma realidade, como afirma Morena Mariah Couto⁶¹ (AFROFUTURISMO, 2020). Da mesma forma não podemos destratar o passado, reduzindo-o a aspectos negativos da escravidão e da colonização, não podemos reduzir nossa história a uma história única de existência a partir do domínio branco dessa posta distopia. Assim sendo, surge o conceito de Afrofuturismo 2.0, segundo Reynaldo Anderson⁶² (2016), essa concepção busca ampliar o Afrofuturismo que inicialmente, quando surge na década de 90, parte da premissa, como já falado, de que a história do povo negro foi sistemicamente apagada, quando, na verdade, ela existe, apenas é ignorada pela historiografia ocidental. Logo, o Afrofuturismo 2.0 busca retomar o conceito inicial de Afrofuturismo e também o expandir para todas as áreas do conhecimento humano.

É preciso então resgatar esses conhecimentos, não apagados, mas ignorados. Dessa forma, ao lembrar que vivemos em uma distopia, devemos também refutar e pensar que utopias também já existiram, existem e ainda existirão, entendendo que a realidade não é estática, mas mutável, muito menos uma só, mas várias. A prática religiosa do Candomblé, estratégia



⁶¹ Morena Mariah Couto é pesquisadora, escritora, palestrante e graduanda em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é e criadora de conteúdo digital na plataforma Afrofuturo, iniciativa de educação multimídia que trabalha com perspectivas afrofuturistas. Além disso, também trabalha como assessora parlamentar na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, auxiliando em ações de combate ao racismo e garantia de direito de crianças e jovens.



⁶² Reynaldo Anderson é afro-norte-americano/estadunidense, atual Diretor de Pós-Graduação e Professor Associado de Africologia e Estudos Afro-Americanos na *Temple University* em Filadélfia, Pensilvânia e Diretor Executivo e cofundador do *Black Speculative Arts Movement* (BSAM), uma rede internacional de artistas e intelectuais, além de pesquisador com diversas produções sobre estudos africanos, de comunicação e afrofuturismo.

espiritual afro-brasileira derivada de cultos africanos, onde há a crença e culto a um Ser Supremo e a natureza; e a existência do Quilombo dos Palmares, surgido em 1594 na região da hoje cidade de União dos Palmares em Alagoas, sendo o primeiro governo de africanos livres das Américas, tradicionalmente chamado de *Ngola Janga* (que significa Pequena Angola), que em seu auge chegou a contar com mais de 30 mil habitantes revolucionários africanos, tendo uma própria estrutura de Estado-nação política, econômica, social e cultural; são fortes exemplos de utopias, como nos ensina Morena Mariah (AFROFUTURISMO, 2020).

Nós estamos declarando guerra às utopias messiânicas que prometem um futuro melhor; declarando guerra aos projetos que nos impedem de enfrentar o presente; declarando guerra à ideia de que o futuro será melhor; declarando guerra à renovação sistemática de que o presente é sempre pior do que o passado e o futuro. Essa guerra não é porque não acreditamos que o futuro possa ser melhor, mas porque partimos de um ponto de vista, ou melhor, de pontos de sentidos que sugerem o óbvio, “o amanhã é hoje”. [...] (NOGUERA, p. 139-140, 2019).

... montagem urbana

O intuito agora é pensar e narrar outras histórias que não as de violência dos bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho, anteriormente identificados como os mais vulneráveis quanto à sobrevivência da população negra. Para tanto utilizaremos o método/processo de montagem urbana, uma forma de articular os conceitos de memória, narração e história, desenvolvido pela Arquiteta e Urbanista branca Paola Berenstein⁶³ (2015). Ele constitui-se a partir das montagens já praticadas por teóricos dos anos 1920 e 1930 Georges Bataille, Walter Benjamin, Aby Warburg e, mais recentemente, por Georges Didi-Huberman, todos homens brancos europeus, pertencentes aos campos da escrita, filosofia, sociologia e/ou história da arte.

A ideia de montagem como uma forma de conhecimento é praticada a partir da disposição ‘lado a lado’, em uma mesa ou quadro sinóptico [esquema/mapa mental], de narrativas - ‘documentos’ dos mais variados, textuais e/ou imagéticos e, dentre eles, aqueles considerados ‘documentos históricos’ e/ou registros mnemônicos [relativo à memória] - bem distintas e que por vezes contraditórias e anacrônicas e, sobretudo, a partir do choque entre suas diferenças, tanto de conteúdos quanto



⁶³ Paola Berenstein é uma mulher, branca, Arquiteta e Urbanista, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), pesquisadora CNPq e coordenadora do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG AU/ UFBA). É autora dos livros *‘Les favelas de Rio’* (Paris, l’Harmattan, 2001); *‘Estética da Ginga’* (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001); *‘Esthétique des favelas’* (Paris, l’Harmattan, 2003) e *‘Elogio aos errantes’* (Salvador, Edufba, 2012). É co-autora de *‘Maré, vida na favela’* (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002) e organizou os livros *‘Apologia da deriva’* (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003), *‘Corps et décors urbains’* (Paris, l’Harmattan, 2006), *‘Corpos e cenários urbanos’* (Salvador, Edufba, 2006), *‘Corpocidade: debates, ações e articulações’* (Salvador, Edufba, 2010), *‘Corpocidade: gestos urbanos’* (Salvador, Edufba, 2017) e a coleção *‘Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea’* (Salvador, Edufba, 2015).

de formas de narração. [...]. Seguindo a máxima ‘Não tenho nada a dizer somente a mostrar’, uma prática historiográfica a partir da montagem urbana utilizaria os ‘farrapos e resíduos’, as ruínas e memórias da cidade [...] e disporia (mostraria) estes rastros e restos de narrativas urbanas ao lado de outras narrativas díspares sobre as cidades e o urbanismo (de diferentes tempos, espaços ou campos), para tentar fazer emergir outras possibilidades de compreensão das cidades e do urbanismo durante o próprio processo contínuo de montagem/desmontagem/remontagem. (JACQUES, 2016, p. 178-179)

A montagem urbana, como método de conhecimento das cidades contemporâneas, parte então da coleta de fragmentos de representação de diferentes tempos, espaços e narrativas (sejam eles artísticos, históricos, científicos, arquitetônicos, cartográficos, entre outros), para por meio de sua articulação fazer surgir possibilidades de compreensão sobre a cidade durante o próprio processo de montagem/desmontagem/remontagem. Uma maneira de retirar os fragmentos de seu contexto e dar margem a “[...] outras formas de narração histórica [...] para ‘romper com o naturalismo histórico vulgar’ [...]” (JACQUES, 2015, p. 54), possibilitando, desse modo, a narração de outras histórias sobre as cidades. No caso deste estudo, histórias que não as de violência, sobrevivência e vulnerabilidade da população negra e, logo, histórias que não sejam sobre a hegemonia branca e sua imposição colonial.

Enquanto autor deste trabalho, só me dei conta da existência do processo de montagem urbana através da leitura do artigo “Das margens às galerias midiáticas: Montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos” (2022) de Thalita Melo e Maria Angélica Silva. Antecedente ao seu uso, já vínhamos propondo uma metodologia similar, ou seja, o processo de construção de outras histórias que aqui propomos já conversava com a ideia de montagem urbana mesmo antes de ter contato com ela. Simultaneamente, gostaríamos de apontar que nos preocupa sua origem estabelecida por uma pessoa branca a partir de diversos autores europeus, brancos e masculinos. Apesar disso, optamos por

utilizá-la de forma a fortalecer a metodologia, afinal, nos conforta saber que ela surgiu de maneira natural, antes mesmo de se ter ciência dos estudos de Paola Berenstein. Também destaca-se que não precisamos abrir mão ou ignorar aquilo produzido por autores brancos e europeus, mas estar atentos às limitações de determinadas teorias/conceitos.

O trabalho agora parte para a montagem urbana dos bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho através da experimentação em colagens digitais com fragmentos de representações imagéticas de diversos meios. “A imagem, foi escolhida aqui, como linguagem primordial por poder falar para grupos diversos sem exigir um letramento especializado e pelo seu poder de síntese, ao permitir mostrar situações complexas.” (MELO; SILVA, 2022, p. 43). Os fragmentos foram advindos de: (i). fotografias da minha própria vivência nesses bairros; (ii). fotografias antigas desses bairros, recolhidas no acervo do Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA; (iii). pinturas coloniais da população negra e da natureza morta que representavam registros do Brasil Colônia do pintor francês Jean-Baptiste Debret e do pintor holandês Albert van der Eckhout; (iv). fotografias de auto representação da minha infância; e (v). cartografias da malha viária dos bairros em questão.

Nesses desvios entendi a necessidade de realizar uma montagem urbana não só por meio do meu ponto de vista, mas também dos fragmentos de outras vivências, afinal a cidade são várias e não só minha. Então, também fui atrás de fotografias de amigos e conhecidos e/ou pessoas que moraram/moram ou tiveram/têm alguma vivência nesses bairros, é nesse sentido que agradeço aos fragmentos/fotografias dos meus amigos e colegas José Ruda, Brian, Marcone, Amanda, Dandara, Rafael, Adna, Everton, Felipe e Sander. Destaco aqui que a busca por fotografias de amigos e conhecidos e/ou pessoas que moram ou tiveram/têm alguma vivência nesses bairros partiu primeiramente da falta/insuficiência de registros próprios, principalmente, do Vergel do Lago e do Jacintinho, uma vez que, durante minha infância fui criado no bairro do Benedito Bentes, na casa de minha avó, Vera Lúcia. Além dessa falta/insuficiência de registros, a pandemia de *Covid-19*, impossibilitou a movimentação segura pela cidade e, logo, a visitação a esses bairros para

realizar mais registros fotográficos. Nesse processo de precisar transitar, mas sem riscos, recorri às mídias digitais:

O único espaço onde se tornou possível transitar sem riscos foi o provido pelas mídias digitais. A rede pode ser vista aqui como uma cidade, como esta, tem suas edificações e ruas planejadas, bairros e áreas vistas de circulação fácil que ‘todos conhecem’, mas, também, possui construções improvisadas, suas zonas nebulosas, desconhecidas cuja acessibilidade não se coloca facilmente. Demandando inúmeros desvios. (MELO; SILVA, 2022, p. 49).

O percurso de procura por imagens em mídias digitais ocorreu também por meio da rede social *Instagram*. Nele, indicações me levaram primeiramente ao projeto do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) em parceria com o Governo do Estado de Alagoas na cidade de Maceió-AL denominado “Visão das Grotas”: o programa surgiu durante a pandemia de Covid-19 como um projeto emergencial com objetivo de pensar formas de recolher dados quanto a pandemia para formular políticas públicas através da escuta ativa de jovens (de 16 a 28 anos de idade) das grotas de Maceió (AL) (ONU, 2020). Em 2021, o projeto culminou na produção de conteúdo midiático para o Instagram e no lançamento do documentário “[Visão das Grotas](#)”⁶⁴ (2021), produzido e filmado pelos próprios jovens moradores das grotas através de seus próprios celulares, a fim de mostrar as histórias, impactos e percepções locais sobre a pandemia de *Covid-19*.

Dentro da página do “[Visão das Grotas](#)” no Instagram e no documentário, recolhi algumas fotografias e consegui localizar alguns dos jovens que participaram do projeto e também eram moradores dos bairros Jacintinho e Benedito Bentes (únicos dos três aqui estudados com áreas de

grotas e, logo, com atuação do programa). A partir do contato com esses jovens, consegui indicações de outros projetos e de jovens produtores de conteúdo para Instagram que também trabalham com fotografias e representações dos bairros em que moram, tanto por hobby, como profissão. São eles: [@dovergel](#), [@jctz.mob](#), [@culturejacintinho.gueto](#), [@jctz.kedinha](#), [@o.paraíso.que.me.cerca](#), [@jctz.films](#), [@444giovanna](#) e [@radio.dos.cria](#). Entrei em contato com as páginas e tive retorno quanto a possibilidade de uso das imagens do [@jctz.kedinha](#), que também é produtor das páginas [@o.paraíso.que.me.cerca](#) e [@jctz.films](#) e trabalha majoritariamente com produção visual do bairro do Jacintinho. A maioria das contas de *Instagram* são de jovens-homens-negros, moradores desses bairros, que usam essas contas como uma forma de registrar fotografias e cenas do cotidiano de seus bairros por uma ótica de reconhecer o paraíso que os cerca, como o próprio nome da conta de um dos *Instagram* sugere “o.paraíso.que.me.cerca”, em contrapartida e crítica as formas que seus bairros são representados nos noticiários locais.

Nesse processo de busca - pelas redes sociais, em contato com amigos e colegas, no acervo do Museu da Imagem e do Som de Alagoas, na busca de minhas fotografias da infância e de pinturas coloniais - foram sendo recolhidos fotografias/fragmentos dos bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho e o processo de montagem urbana foi acontecendo. Dessa maneira, intitulo o nome montagem urbana de “*Ubuntu*, as cidades são várias e também nós” (ver Colagem 07, 08 e 09 na página 51), na busca de sintetizar seu conceito de produção e de onde toma seus diversos partidos.

⁶⁴ O documentário, inclusive, ganhou os prêmios de Melhor Performance e de Melhor Filme pelo Júri Popular na “Mostra Sururu de Cinema Alagoano” em 2021.

... Ubuntu, as cidades são várias e também nós

A favela não venceu, grande parte da imagem negra é uma narrativa elitista que arquiteta a permanência da violência contra os corpos pretos [...]. Ser negro é um fragmento de olhares plurais e extremamente dedicado a se fazer ver, sim, porque quando o negro retrata algo, de certa maneira, ele se retrata, se conhece e se reconhece a partir da sua realidade cotidiana. Cada recorte compõe um tecido da história presente do negro no Brasil que se liga a uma teia de complexidade amplamente ligada às questões da história de um país mergulhado em uma estrutura que carrega várias feridas abertas, de um passado ainda presente, [...] como também nas imersões sobre quem somos de verdade e o que queremos lembrar ou esquecer. Do mar, figura furiosa, caminho por onde ocorreu a diáspora forçada africana, às marcas da religiosidade negra, aos gritos de pedido de socorro, às referências da ancestralidade negra e até aos silêncios, são signos abordados nas imagens encontradas aqui, numa costura improvável, diversificada, coberta de uma força extraordinária, amplificada pelo desejo de ver e ser visto. [...] existem oceanos de possibilidades a serem apresentados a partir da existência negra. [...] Ser Negro [...] vem para contribuir [...] sobre a importância da reprodução e visibilidade de olhares que carregam o DNA de quem viu coisas terríveis acontecerem consigo mesmo e com os seus, um olhar que carrega, mesmo sem perceber, a esperança de poder se fazer vê, com menos dor e mais amor. (SILVA, 2022, [S. p.], grifo nosso)

Durante o processo de escrita deste trabalho, especificamente 01 dia antes da escrita desta seção de capítulo, eu participei do evento de abertura da “Exposição Fotográfica Ser Negro” - exposição composta por 33 imagens produzidas por 12 fotógrafos/as negros/as de vários estados brasileiros, ocorrida em Maceió, Alagoas em julho de 2022 e organizada pelo FotoSururu - Encontro de Fotografia Criativa em Maceió/AL. A citação acima foi retirada

do texto de abertura da “Exposição Fotográfica Ser Negro”, feito por um dos curadores, Roger Silva⁶⁵. Ela me serviu como mais um despertar do porque faço e penso essa montagem urbana: a busca pela construção de imagens que faça pessoas negras serem vistas “com menos dor e mais amor” (SILVA, 2022, [S. p.]) e dessa forma também a mim. Ela também me despertou quanto ao motivo do uso da palavra *Ubuntu* para nomear as colagens produzidas.

Ouvi essa palavra pela primeira vez em um grupo de trabalho e discussão direcionados a jovens negros/as no “XXIII Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial”⁶⁶, ocorrido em 2020, em Campinas, São Paulo. No contexto, *Ubuntu* foi usado pela mediadora da discussão ao final das conversas pessoais e afetivas acerca de negritude, representação e resistência negra na Universidade. Colocamos as mãos sobre as mãos uns dos/as outros/as em roda e recitamos: “*com a mão direita nós damos e com a mão esquerda recebemos, Ubuntu, sou o que sou graças a tudo que nós somos*”. Uma forma de demonstrar apoio mútuo pelos compartilhamentos ali feitos e que não estamos e somos sozinhos enquanto pessoas negras. De



⁶⁵ Roger Silva é um homem negro, fotógrafo - premiado pelo El Pais Brasil -, historiador, artista autoral e aspirante a escritor (@rogersilvafotos).

⁶⁶ O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa de aperfeiçoamento acadêmico que trabalha através da tutoria e da indissociabilidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para contribuir na elevação da qualidade dos cursos em que está inserida e assim na formação acadêmica dos estudantes que fazem parte dele. Durante a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo participei do PET Arquitetura durante 2017 e 2021.

acordo com Mogobe B. Ramose⁶⁷, em sua escrita do capítulo “Globalização e *Ubuntu*” (2009) para o livro “Epistemologias do Sul” (2009), e Bas’Ilele Malomalo⁶⁸, em seu livro “Filosofia do *Ubuntu*: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento” (2014), *Ubuntu* é uma palavra proveniente das populações africanas falantes da língua Bantu, sendo o conceito central da filosofia africana de organização política e social.

Ele consiste no princípio de compartilhamento de cuidado mútuo. [...] [A ideia central é que] o movimento é o princípio do ser, as forças da vida estão aqui para serem trocadas através e entre os seres humanos. O processo de intercâmbio perpétuo, o movimento incessante de fluxos invisíveis (Griaule, 1965: 137), só faz sentido se reconhecermos que as forças da vida não pertencem a ninguém. Em segundo lugar, devemos reconhecer também que as forças da vida se manifestam através de uma variedade infinita de conteúdos e formas. (RAMOSE, 2009, p. 169, grifo nosso)

Do ponto de vista filosófico e antropológico, o *ubuntu* retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Olodumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza

⁶⁷ Mogobe B. Ramose é um filósofo sul-africano e professor de filosofia na Universidade da África do Sul em Pretória, considerado um dos principais pensadores a popularizar a filosofia africana, e especificamente a filosofia *Ubuntu*.

⁶⁸ Bas’Ilele Malomalo é um intelectual e filósofo congolês e professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Campus Malês).



(composta de seres animados e inanimados). Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas. Como elemento da tradição africana, o *ubuntu* é reinterpretado ao longo da história política e cultural pelos africanos e suas diásporas. [...] Na República Democrática do Congo, aprendi que *ubuntu* pode ser traduzido nestes termos: ‘Eu só existo porque nós existimos’. [...] (MALOMALO, 2014, online, grifo nosso).

O significado de *Ubuntu* apreendido na minha vivência e nas leituras de Ramose e Malomalo perpassam as colagens e guiam o conceito do seu desenvolvimento: os bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho são retratados em 03 telas diferentes, mas que se unem e também formam 01 tela a partir da ligação da malha viária, utilizada como base da colagem. São como elementos individuais e ao mesmo tempo são coletivos. Essa noção de compartilhamento também ocorre por meio da continuidade das fotografias, inseridas nos espaços que seriam as quadras formadas pela malha viária. É como uma colcha de retalhos, um quebra-cabeças com diversas cenas do cotidiano desses bairros, que se ligam e simultaneamente diferenciam. Acima da malha de cenas do cotidiano uma figura central, um/a protagonista se põe em foco para cada bairro, rodeado/a por sóis que os/as destacam e iluminam. A intenção foi demonstrar esteticamente, a partir das cenas de vida desses bairros, o como eles são diversos e ao mesmo tempo um só.

**eu só existo
porque nós existimos**



A primeira montagem, (Colagem 07 - Homem Africano - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós) representando o bairro Vergel do Lago, tem como protagonista a pintura “[Homem Africano](#)”, de Albert Eckhout, feita em 1641 (HOMEM, 2022). Na colagem percebe-se a aproximação da natureza, vista por meio das árvores, da sombra e luz que elas formam, das águas e canoas presentes nela; além disso, prédios distantes são vistos ao fundo da paisagem das águas, um animal de carga junto à carroça, um possível comércio de frutas e um porto com diversas embarcações, somado ainda ao ato de brincar na gangorra. Tudo isso demonstrando uma relação de tranquilidade, harmonia e bucolidade. Nesse cenário, surge a figura do homem negro, com instrumentos que aparentam ser de pesca, caça e possivelmente plantio.

Colagem 07

Homem Africano - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Vergel do Lago).

Fonte: Autor, 2022.



A segunda montagem (Colagem o8 - Mulher Africana - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós), que traz o bairro Benedito Bentes, tem como figura central a pintura “[Mulher Africana](#)”, também de Albert Eckhout, feita em 1641 (MULHER, 2022). A pintura, contudo, foi modificada: o menino posicionava-se ao lado esquerdo da mulher, com a mão dela em torno de sua cabeça, como em forma de vigia, cuidado e proteção; no lugar da criança negra que aparece despida, segurando um passarinho em uma de suas mãos e uma espiga de milho noutra, usei uma fotografia minha, na minha infância. Uma forma de me representar enquanto vivente no bairro do Benedito Bentes, também aos cuidados de mulheres durante minha infância na casa de minha avó, Vera Lúcia. Nessa cena, a protagonista está acima de uma fotografia do bairro vista alto, como se também o guardasse, tal qual a criança; ao mesmo tempo que protege com uma de suas mãos, carrega na outra uma cesta com frutas, enquanto usa um chapéu, talvez como um meio de proteção do sol.

Como pano de fundo, mais uma vez vemos diversas cenas do cotidiano, no centro, em destaque de dimensão, a fotografia de uma casa azul, feitas de tapumes de madeira e com sinais de que alguém mora ali: imersa em meio a diversas vegetações, plantadas em caqueiras ou no próprio solo e aparentemente cuidadas; junto a elas um carro de mão e diversas roupas estendidas, secando ao sol. A partir da casa as fotografias começam a representar caminhos, vias e passagens, com pessoas caminhando ao fundo, se distanciando dessa casa, como que saindo do habitar em direção a outras atividades. Para além desses percursos, os limites também surgem representados pelos muros grafitados com “CRB” e “Que vírus é esse?”, referenciando um time de futebol da cidade de Maceió-AL (e possivelmente a área/domínio de uma torcida organizada) e a pandemia do *Covid-19*.

Colagem o8

Mulher Africana - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Benedito Bentes).

Fonte: Autor, 2022.



A terceira e última montagem (Colagem o9 - Calceteiros - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós), por sua vez representando o bairro do Jacintinho, tem como protagonista a pintura “[Calceteiros](#)”, feita por Jean-Baptiste Debret em 1824 (CALCETEIROS, 2022), que demonstra, como o nome da própria pintura indica, dois calceteiros (trabalhadores que calçam ruas, calçadas e outros caminhos com pedras, paralelepípedos e similares) com uma espécie de prensa, em meio ao ato de seu trabalho. Ao lado dos protagonistas, a figura de um farol também toma centralidade, como que iluminando as fotografias (tiradas de mirantes) de uma paisagem distante, mas também próxima, de prédios e do mar que aparecem ao redor dela. Soma-se ainda, ao redor dessa paisagem próxima/distante, a figura dos caminhos, representada por vias, automóveis, pessoas caminhando e motos em velocidade. Além disso, fotografias e pinturas de um comércio se sobressaem: a venda ambulante de óculos e de frutas. Tudo em um emaranhado, demonstrando uma calma e também uma rapidez, enquanto a figura do trabalhador calçando a cidade e o farol, a iluminar, se sobressaem.

Colagem o8

Calceteiros - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Jacintinho).

Fonte: Autor, 2022.

É importante também destacar os motivos do uso dos fragmentos, suas origens e o que isso representa: a afetividade, demonstrada na auto representação; o passado, nas fotografias antigas; o controle e reconstrução de si enquanto pessoas negras, na atualização das pinturas coloniais; as imagens de vida, nas simplicidades das cenas do cotidiano; a conexão, na figura malha viária; e o fazer ser visto, dada pelos sóis. Afeto, passado, controle de si, imagens de vida, conexão e o fazer ser visto, são essas algumas das formas que aqui buscamos representar os bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho. As potências e percepções das montagens urbanas são diversas, dependem do lugar de fala de quem as vê, de quando as vê, e por isso as análises que faço são, de certo modo, não tratam da totalidade das possibilidade de percepção, mas servem como uma provocação no caminho de materializar outras imagens, discursos e símbolos dos bairros negros.

O processo de montagem urbana parece não ter fim, o que entrego aqui neste TFG é um produto inacabado e que nunca será acabado, afinal, apreender o que entendo por esses bairros, não consegue se resumir a uma imagem. Enquanto escrevo, dois meses após a colagem desse produto inacabado da montagem, já tenho críticas quanto ao que fiz, desde a montagem partir de uma malha viária, demonstrando minha visão acadêmica do ver a cidade enquanto arquiteto e urbanista, por uma vista superior; até a não maior exploração da atualização das figuras coloniais na busca da reconstrução da imagem do ser negro: qual a razão da mulher e do homem negro terem que aparecer quase/ou despídos? Ou surgirem apenas na figura do trabalho ou no trabalho e do cuidado, como é o caso da “Mulher Africana”?

De certa forma, estou tentando mensurar o imensurável, pois as dinâmicas do espaço urbano são eternas e a forma como nós as vemos muda cotidianamente, os territórios não são estáticos, muito menos nossa percepção sobre eles, nossa percepção sobre si, nossa desconstrução e construção é contínua. Para então dar dimensionalidade sobre a colagem, adicionei diversos hiperlinks sobre as imagens: cada recorte com um *hiperlink* redirecionando para músicas, documentários, postagens no *Instagram*,

exposições de arte virtuais, todas de alguma forma falando sobre esses bairros negros, a cidade de Maceió-AL e/ou a representação das pessoas negras. Não queremos aqui explicar o que cada *hiperlink* significa, queremos dar margem aos descobrimentos, como uma forma de passear por esses bairros negros. Assim, os *hiperlinks*, inclusive, não estão dispostos de forma a seguir uma narrativa, muito menos mostrando um ícone ou recorte específico onde deve-se clicar. O descobrimento foi a primeira intenção.

De acordo com Gabriela Pereira⁶⁹ (2015), o corpo, o discurso e o território são dimensões indissociáveis na narrativa e definição dos lugares dos sujeitos na sociedade, por isso, o importante é reconhecer que com as montagens e suas provocações dou margem a diferentes possibilidades de interpretação das que estão postas quanto aos bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho. Aqui nos propomos a criar imagens de vida em afronta às imagens de morte e, assim, damos margem “[...] uma possibilidade de reconstrução não só de um discurso, mas daquilo que está implícito na construção da produção da própria cidade e do conhecimento sobre ela, trazendo para o visível, movimentos e sujeitos historicamente diminuídos [...]” (PEREIRA, 2015, p. 30).

Para além das montagens urbanas produzidas diretamente para/ neste trabalho, durante minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, mais especificamente nos últimos anos, no processo de começar a pensar o Trabalho Final de Graduação, comecei a desenvolver montagens urbanas sem ainda ter noção do conceito. Elas originaram duas coleções de fotocollagens intituladas “Me Curar em Mim”, feita em 2020, e “[Transcender](#):



⁶⁹ Gabriela Pereira é arquiteta e urbanista e Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Coordena o Grupo de Estudos Corpo, Discurso e Território com pesquisas de foco na articulação dos campos de arquitetura, urbanismo e planejamento urbano com debates de gênero, raça, memória e narrativa das cidades.

[a Cidade dos Sonhos Negros](#)⁷⁰, feita em 2021, em parceria com uma amiga fotógrafa e Cientista Social pela Universidade Federal de Alagoas, Tayná Almeida. Durante este trabalho adaptações de algumas das colagens de ambas as coleções aparecem ao longo do TFG, também como outras formas de representar os bairros negros da cidade de Maceió-AL, que não as de morte dada pela violência, enfim, por estigmas negativos no geral. Na capa utilizei a colagem de intitulada “Zumbi”, outra adaptação de uma pintura colonial, curiosamente a uso no intuito de a lembrar como a primeira montagem urbana que realizei, mesmo sem saber que já estava na busca de outros olhares para a negritude. “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, como colocaria o ditado Iorubá.

⁷⁰ A coleção “Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros” (PAULA; MARQUES, 2021) foi publicada na Revista Fotocronografias no “[Vol. 07 num17 – 2021 – Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências](#)”.

O que é ser um Bluesman?
 É ser o inverso do que os outros pensam
 É ser contra a corrente
 Ser a própria força, a sua própria raiz
 É saber que nunca fomos uma reprodução automática
 Da imagem submissa que foi criada por eles
 Foda-se a imagem que vocês criaram
 Não sou legível, não sou entendível
 Sou meu próprio Deus, meu próprio santo
 Meu próprio poeta
 Me olhe como uma tela preta, de um único pintor
 Só eu posso fazer minha arte
 Só eu posso me descrever
 Vocês não têm esse direito
 Não sou obrigado a ser o que vocês esperam
 Somos muito mais
 Se você não se enquadra ao que esperam
 Você é um Bluesman

Trecho da música “BB King” de Baco Exú do Blues (2018a)⁷¹



⁷¹ Trecho da música “BB King”, do álbum “Bluesman” de Baco Exu do Blues (BLUESMAN, 2018a). Na música há um *hiperlink* para o curta-metragem do álbum Bluesman (BLUESMAN, 2018b) que ganhou o *Grand Prix* (GP) na categoria *Entertainment for Music do Cannes Lions 2019*, dividindo a premiação com Childish Gambino por *This is America*. O GP é a premiação máxima do Festival Internacional de *Criatividade Cannes Lions*, o evento mais relevante do mercado publicitário no mundo.

Colagem 10

King, série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros.

Fonte: PAULA; MARQUES [autor], 2022.



Fórmula Mágica da Paz

Considerações para Outros Inícios

*Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui
Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho
A minha vida é aqui, eu não consigo sair
É muito fácil fugir mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou
Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim
Ensino da favela foi muito bom pra mim
Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei
Cada lei uma razão, eu sempre respeitei
Qualquer jurisdição, qualquer área
[...] Eu sei como é que é, é foda parceiro
É a maldade na cabeça o dia inteiro
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego
Não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro
Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer, é
Encontre uma de caráter se você puder
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente
Aqui quem fala é mais um sobrevivente
Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis all star*

“Fórmula Mágica da Paz”, Racionais MC’s⁷²

Em algum momento da escrita sinalizamos que aqui escrevemos não a fim de obter respostas concretas, mas para instigar dúvidas e questionamentos, por isso, neste capítulo entendemos que não trazemos considerações finais, mas considerações para possibilitar outros inícios, outros estudos, outras pesquisas e outras percepções e pensamentos sobre a cidade e seus bairros negros. Dessa maneira, nos percursos e processos de desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo nos deparamos com alguns apontamentos das pesquisas e reflexões apresentadas.

O primeiro refere-se aos aspectos dos bairros negros de Maceió-AL, conforme dados do Censo de 2010 e de violência letal urbana da Secretaria de Segurança Pública de Alagoas - SSP/AL: eles são caracterizados pela baixa concentração de renda, pela maior quantidade de pessoas não alfabetizadas responsáveis por domicílio, pela maior presença de mulheres chefes de família e pela concentração da maior quantidade de Crimes Violentos Letais Intencionais se comparados às demais localidades do município (no qual os bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho aparecem como os 03 mais vulneráveis de Maceió nesses quesitos). Desse modo, a hipótese quanto a territorialização racial das mortes violentas letais intencionais no espaço urbano de Maceió foi confirmada, demonstrando que há uma aceitabilidade e maior probabilidade de homicídio doloso de pessoas negras, em especial, de jovens-homens-negros, em bairros negros, servindo isso como um mecanismo de hegemonia branca e garantia das desigualdades.

O segundo trata do papel da Polícia: ela é utilizada como aparato tecnológico legal de opressão, vigilância e violência contra a população negra a fim de assegurar o privilégio da branquitude. Nesse cenário percebe-se que há um projeto de genocídio da população negra, que dá-se tanto pela violência letal urbana, como por violências simbólicas construídas e disseminadas na sociedade em geral e pela mídia. Também nessa perspectiva é preciso considerar que dados e estatísticas sobre violência letal urbana devem ser vistos com mais cautela e para além de sua territorialização: precisam ser apurados junto a uma conjuntura de outras narrativas, entendendo que há uma naturalização da inferiorização, criminalização e estigmatização

negativa de pessoas e bairros negros.

Nesse contexto, chego a mais um apontamento: a necessidade de construir símbolos de cidade, no campo da Arquitetura e Urbanismo, quanto aos bairros negros motivados por histórias de vida e não de morte, para auxiliar na tarefa antirracista de assegurar o direito à vida. A perspectiva da metodologia de montagem urbana, então, possibilitou reconhecer e catalisar outros olhares para os bairros negros. Através de registros fotográficos de pequenos atos do cotidiano (meus e de outras pessoas), articulados com a auto representação, com imagens negras antigas e outros tipos de representação da cidade de Maceió-AL e da vivência negra, é possível possibilitar provocações e narrativas entre passado, presente e futuro, partindo da criação de uma imagem (ou diversas imagens) que surge do lugar que estamos situados/as, afetivamente, cotidianamente e espacialmente. Nessa perspectiva coletiva de compartilhamento, como nos mostra o conceito de “*Ubuntu*”, encontramos narrativas humanizadoras de pessoas negras em Maceió-AL, construindo territórios familiares na cidade por meio do campo da ficção e do simbólico.

Por fim, começo a entender que esse TFG é antes de tudo um projeto de auto conscientização acerca do nosso lugar no mundo. Como futuros/as arquitetos/as e urbanistas, como profissionais que trabalham com a estrutura real de símbolos, nós podemos e devemos desenvolver/mostrar mundos e futuros outros que não os de violência para, assim, enfrentá-la. Parece que mesmo tentando fugir deste trabalho em alguns pontos de seu desenvolvimento, de querer realizar um projeto arquitetônico ou urbano qualquer, o que também teria sua importância, afinal, falo aqui sobre dor; cada fuga planejada de mudança da temática me levava ao retorno do que eu imaginava desde o começo deste trabalho, que inclusive, fala também do porque escolhi esse curso, conscientemente ou não: o de pensar uma outra cidade na qual nós possamos ser nós, uma cidade que sempre projeto dentro dos meus sonhos. Venho aqui como um afago a mim e assim a outros e outras como eu, na busca de me achar em um mundo que constantemente me violenta, mas ao passo que caminho em direção a mim e aos meus, me abraça. Sentir o mundo através do afeto é revolucionário.

Colagem 11

Zumbi, série Me
Curar em Mim.

Fonte: Autor, 2020.



Jorge da Capadócia

Referências Bibliográficas

*Jorge sentou praça
Na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também
Sou da sua companhia
Eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham pés
E não me alcancem
Para que meus inimigos tenham mãos
E não me toquem
Para que meus inimigos tenham olhos
E não me vejam
E nem mesmo um pensamento eles possam ter
Para me fazerem mal
Armas de fogo
Meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem
Sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes arrebentem
Sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge
[...] Salve Jorge [...]*

“Jorge da Capadócia”, Racionais MC’s⁷³

Para além de entender que a maioria das referências bibliográficas deveria ser de pessoas negras, que se colocam e posicionam politicamente como tal, e de que as pessoas não negras citadas deveriam ser aliados/as que se posicionam na luta antirracista, nós ainda sentimos que o lugar de Referências Bibliográficas reproduz um importante papel no epistemicídio e apagamento de teóricos não brancos. Por conta das regras da ABNT, as pessoas citadas são reduzidas a sobrenomes, ou seja, por meio deles você não consegue saber muitas coisas sobre a pessoa e o que ela faz. Devido à constante presença branca e masculina na academia, sempre pensamos ou associamos esses sobrenomes a tais características: quem seria uma pesquisadora mulher sempre é confundida por um homem, uma pessoa não branca sempre considerada branca. Enfim, os apagamentos são diversos. Por este motivo, durante a citação das pessoas durante o trabalho, trouxemos notas de rodapé explicando brevemente os estudos e/ou carreiras dos teóricos citados direta ou indiretamente de forma a situar nosso conhecimento. Nessa mesma motivação e inspirados Trabalho Final de Graduação “Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim: Ensaio antirracista para a Arquitetura” de André Silva (2020), trazemos os rostos dos/as autores/as ao longo das notas de rodapé dos/as pesquisadores/as utilizados durante este TFG.

ACERVO do Arquivo Público De Alagoas. Museu da Imagem e do Som (MISA). Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Tradução: Julia Romeu. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

AFROFUTURISMO: DA ÁFRICA ANTIGA À DISTOPIA DO PRESENTE, 2020, [S. l.]. [Curso *online* - ministrado por Morena Mariah]. [S. l.]: Bora Saber?, 2020.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALAGOAS. **Boletim Estatístico Crimes Violentos Letais Intencionais** [janeiro a dezembro de 2021]. Governo do Estado de Alagoas - Secretaria de Segurança Pública de Alagoas (SSP/AL). Alagoas, 2021. Disponível em: <http://seguranca.al.gov.br/estatisticas/63/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ALAGOAS. **Identificação do número de grotas para o projeto vida nova nas grotas**. Governo do Estado de Alagoas - Superintendência de Produção da Informação e Conhecimento (SINC) - Gerência de Geoprocessamento. Alagoas, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/grotas-dados-informacoes-qualificadas/resource/ae920ced-2e6e-47cf-8fd3-0baa536730fc>. Acesso em: 10 maio 2022.

ALAGOAS. **Planilha CVLI** - Processo nº E:02100.0000007845/2021, arquivo com informações de bairro, idade, cor/raça e ano, acerca dos CVLI ocorridos no município de Maceió/AL durante o período de janeiro de 2012 e novembro de 2021. Governo do Estado de Alagoas - Secretaria de Segurança Pública de Alagoas (SSP/AL). Alagoas, 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Ranking IDHM**. Rio de Janeiro: PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2022. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BAIRROS NEGROS: A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO BRASIL, 2021, Bahia. [Disciplina de Extensão - ministrada por Henrique Cunha e Fábio Velame]. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

BELCHIOR, Douglas; MOREIRA, Adriana. Notas sobre o bem viver: guerra às drogas e educação no Brasil. **Nexo Jornal**, São Paulo, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/Notas-sobre-o-bem-viver-guerra-%C3%A0s-drogas-e-educa%C3%A7%C3%A3o-no-Brasil>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. **Carta Capital**, São Paulo, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>. Acesso em: 02 set. 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BLUESMAN. Baco Exú do Blues. São Paulo: AKQA; Coala Festival, 2018. Álbum de música (30min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw&list=PLEBT36dqWoGJo7iVGqPFPePEB-ASyttBn>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BLUESMAN. Baco Exú do Blues. São Paulo: AKQA; Coala Festival, 2018. Curta metragem (8min). Disponível em: <https://www.youtube.com/>

[watch?v=-xFz8zZo-Dw](https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw). Acesso em: 28 jul. 2022.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em Massa**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Manual de Atuação para membros do Ministério Público em crimes violentos letais intencionais** / Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2021. 32 p. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2021/Manual_Atuaao_Crimes_Violentos.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acesso em: 02 set. 2022.

CALCETEIROS. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1585/calceteiros>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CAVALCANTI, Débora de Barros. Lutando por Um Lugar na Cidade de Maceió, Brasil. **Revista GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n. 30, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/28310>. Acesso em: 25 out. 2021.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo:

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CONTADOR de Homicídios. **Alagoas 24 horas**, Maceió, jun. 2022. Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/contador-de-homicidios/>. Acesso em: 04 jun. 2022.

COSTA, Thiago Augusto Ferreira da. **Panorama da Violência Letal em Contexto de Segregação na Orla Atlântica de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2021. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/dissertacao_thiago_costa_-_ppgau_-_ufba_-_2021_-_thiago_augusto.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

CRUSE, Harold. *The crisis of the Negro intellectual: a historical analysis of the failure of Black leadership*. New York: Morrow, 1967. Disponível em: <https://archive.org/details/crisisofnegrointooocrus/page/450/mode/zup?q=peculiarities>. Acesso em: 25 jun. 2022.

DELANY, Samuel R. *The necessity of tomorrows*. In: DELANY, Samuel R. *Starboard Wine: more notes on the language of science fiction*. Nova Iorque: Dragon Press, 1984. p. 23-35.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA SER NEGRO, 2022, Maceió. **Texto da curadoria da exposição, feita por Roger Silva**. Maceió: FotoSururu - Encontro de Fotografia Criativa em Maceió/AL, 2022.

FARIAS, Michelle. Familiares de gari baleado em ação da PM protestam na AL-101 Norte, em Maceió. **G1 AL**, Maceió, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/01/18/familiares-de-gari-protestam-na-al-101-norte-em-maceio-e-garantem-que-jovem-foi-baleado->

[injustamente-pela-pm.ghtml](#). Acesso em: 14 jul. 2022.

FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015**. São Paulo: FBSP, ISSN 1983-7364, ano 9, 2015. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/storage/9-anuario_2015.retificado_.pdf. Acesso em: 15 mai 2022.

FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. São Paulo: FBSP, ISSN 1983-7364, ano 10, 2016. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/storage/10-anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf. Acesso em: 15 mai 2022.

FREITAS, Kenia. **Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica**. São Paulo: Caixa Econômica Federal, Caixa Belas Artes. 2015.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOMEM Africano. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24491/homem-africano>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2010.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Exame: No Brasil, 84% percebe racismo, mas apenas 4% se considera preconceituoso. **Instituto Locomotiva**, Rio de Janeiro, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/exame-no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>. Acesso em: 20 mai 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem Urbana. *In: Caderno de Articulações - Experiências de Apreensão da Cidade - CORPOCIDADE* 4, Laboratório Urbano - PPGAU/FAUFBA, Salvador, 07 mar. 2016. Disponível em: https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/caderno_cc_4. Acesso em: 01 jun. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem Urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. *In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra; DRUMMOND, Washington. Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea*, Salvador, EDUFBA, 2015. 4 v. (Coleção PRONEM). Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/pronem/ColecaoTomoIV.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEMOS-NELSON, Ana Tereza. Violência e segurança pública no Brasil e na América Latina. Comentários. *In: Políticas de Segurança Pública: dimensão da formação e impactos sociais*. Fundação Joaquim Nabuco/ Escola de Governo e Políticas Públicas. Editora Massaranga, Recife/Pe, 2002, pp.67-73.

LIS, Laís. Minha Casa Minha Vida completa 10 anos com quedas nas contratações. *G1 Brasília*, Brasília, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/03/25/minha-casa-minha-vida-completa-10-anos-com-queda-nas-contratacoes.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

MAGALHÃES, Amanda Borges Castelo Branco de. *Quando as ancestrais narram a expansão da cidade: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió-AL sob uma perspectiva genderizada e racializada*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.

MALOMALO, Bas'ilele. *Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2014.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

MELO, Thalita Carla de Lima; SILVA, Maria Angélica. DAS MARGENS ÀS GALERIAS MIDIÁTICAS: montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos. *In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos. Temporalidades e apropriações: representações e processos do habitar*. Curitiba: CRV, 2022. 138 p.

MIR, Luiz. *Guerra Civil: Estado e Trauma*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MULHER Africana. *In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24488/mulher-africana>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

MULHERES negras: as ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. *Portal Geledés*, jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao->

[desmantelar-a-casa-do-mestre/](#). Acesso em: 10 ago. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NERI, Marcelo. **Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2021. 11 p. Disponível em: [https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia Marcelo-Neri_FGV-Social.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Desigualdade_de_Impactos_Trabalhistas_na_Pandemia_Marcelo-Neri_FGV-Social.pdf). Acesso em: 28 maio 2022.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, [S. l.], n. 18, p. 62-73, maio/out., 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, [S. l.], E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 30 ago. 2022.

OLIVEIRA, Jorge. **Curral da Morte**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingo dos Santos de; MOTT, Luíz (org.). **Mortes Violentas De LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia**. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ONU-HABITAT. **Relatório Anual - Brasil 2020**. Rio de Janeiro: ONU-Habitat Brasil, 2020. Disponível em: <https://publicacionesonuhabitat.org/brasil/RELATORIO-ANUAL-2020.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

OYWÚMÍ, Oyèrónk. **La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Tradução Alessandro Molengo Gonzalez. Bogotá: La Fronteira, 2017.

PAULA, Mayara Almeida de. **Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió** - AL. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2019. Disponível em: https://issuu.com/mayaps/docs/an_lise_interseccional_da_vida_urbana_tfg. Acesso em: 28 out. 2020.

PAULA, Tayná Almeida de; MARQUES, Leandro Ferreira. Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros. **Fotocronografias: Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 17, p. 90-105, 2021. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/vol-07-num17-2021-culturas-juvenis-artes-e-resist%C3%A2ncias-900ef7cf5091>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PENA, João Soares. O quarto de empregada e a morte de Miguel. **Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/para/desde América Latina Caribe, África e Ásia**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 110-117, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2445>. Acesso em: 02 set. 2022.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2015. 252 f. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/tese_gabriela_leandro_pereira_1.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

PODCAST MANO A MANO. Episódio: Mano Brown recebe Sueli

Carneiro. Spotify Studios, 26 mai. 2022. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://open.spotify.com/e/2eTloWb3NrjmogoRkUnCPr?si%3D5fb884d37b74488d&sa=D&source=docs&ust=1662987702473276&usg=AOvVaw2Sy_IopHFRUcYqZLuXo63l. Acesso em: 05 set. 2022.

RAMOS, Maria Estela Rocha. As lacunas dos estudos afro-brasileiros no ensino de arquitetura e urbanismo. In: MOASSAB, Andréa; NAME, LEO (org.). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/por-um-ensino-insurgente-em-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra LDA., 2009. p. 135-176. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

REIS, Vilma. **Atucaiados pelo Estado**: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13695/1/Atucaiados%20pelo%20Estado%20-%20Vilma%20Reis.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ARQUITETURA, URBANISMO E CIDADE, 2021, Bahia. [Disciplina de Extensão - ministrada por Fábio Velame]. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

(R)EXISTÊNCIA da comunidade LGBTQIA+: CISTemas e o direito à

cidade. 2020. Realização de Programa de Educação Tutorial Arquitetura. (112 min.), son., color. Publicado pelo canal arqurbUfal. Disponível em: [youtube.com/watch?v=EtY98u66oqo&t=6s](https://www.youtube.com/watch?v=EtY98u66oqo&t=6s). Acesso em: 23 jul. 2022.

SANTOS, Lídia Carolina Nascimento dos et al. Reparação racial como resposta à política de guerra às drogas. **Nexo Jornal**, São Paulo, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/Repara%C3%A7%C3%A3o-racial-como-resposta-%C3%Ao-pol%C3%ADtica-de-guerra-%C3%Aos-drogas>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2016. Obra Completa, 3v., v.2.

SILVA, André Luis de Oliveira. **Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim**: Ensaio antirracista para a Arquitetura. 2020. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://tfg.fau.usp.br/andre-luis-de-oliveira-silva/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SIQUEIRA, Vanessa; CARVALHO, Severino. Alagoas é o Estado que mais reduziu homicídios no País em 2021, afirma Renan Filho. **Polícia Militar do Estado de Alagoas**, Alagoas, 10 jan. 2022. Disponível em: <http://www.pm.al.gov.br/noticia/item/5195-alagoas-e-o-estado-que-mais-reduziu-homicidios-no-pais-em-2021-afirma-renan-filho>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Álbum de música (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVQ3YYnic2o>. Acesso em: 23 out. 2020.

THE DANGER of a single story. Chimamanda Ngozi Adichie. Oxford: TED Conferences, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single

[story?language=pt](#). Acesso em: 20 maio 2022.

VISÃO das Grotas. Direção: Agnes Vitória, Ewelyn Lourenço, Josias Brito, Letícia Cbral, Mariana Alves, Maysa Reis, Rafaela Oliveira, Tauan Santos, Walisson Fidelis. ONU-Habitat Brasil. Maceió: ONU-Habitat Brasil. 1 vídeo (27 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aOsJGu5d7eo>. Acesso em: 02 maio 2022.

WE SHOULD all be feminists. Chimamanda Ngozi Adichie. London: TED Conferences, 2012. 1 vídeo (29 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt. Acesso em: 20 maio

